18 de Janeiro de 1920

ANNO IV — N.º 171

ASSIGNATURAS

Pagamento adeantado

Portugal e Hespanha, anno 2$000; semestre, 1$00; Colonias portuguezas, 2$500 ou 25000 pagos em Aveiro. Extrangeiro, excepluando Hespanha, 3$000 fortes.

Numero avulso 40 reis

Redacção e administração

Praça Luiz Cypriano—Aveiro

O DE AVEIRO

SEMANARIO INDEPENDENTE

Proprietario, Director e Editor — HOMEM CHRISTO

Publicações

No corpo do jornal 300 rs. a linha. Pagina de annuncios 100 rs. a linha. A linha é contada em columna de annuncio.

Composto e impresso na TYPOGRAPHIA NACIONAL (a vapor), R. dos Santos Martyres — AVEIRO.

Publica-se aos domingos

Educação Nacional

Com muita razão diz Mauricio Bourguin no seu tratado «Os systemas Socialistas e a Evolução Economica» *(Les Systèmes Socialistes et L'Evolution Economique)*:

Pode-se comprehender a inquietação dos espiritos moderados e conservadores perante as transformações tão rapidas da constituição social, perante as agitações do mundo moderno, as deslocações de influencia, os sentimentos novos das classes populares. O contraste é immenso, com effeito, entre o turbilhão confuso das sociedades modernas e a estabilidade do mundo antigo. Ha ahi uma passagem perigosa, onde o homem se arrisca a perder as suas qualidades de outrora sem adquirir as que a sua adaptação ao novo estado social reclama. Mas novas virtudes nascem espontaneamente em reacção contra os perigos que ameaçam a nova organização social. A sociedade, como o organismo, possue os seus meios de defesa.

E' o que Boutmy, aliás citado por Bourguin, diz no seu livro «Elementos d'uma psychologia do povo americano» *(E'léments d'une psychologie du peuple américain)*:

Toda a sociedade occulta forças latentes que não podem ser medidas pelo observador, poderes de reacção contra o mal que se amontoam sob apparencias de apathia e desanimo, germens novos em que forças desconhecidas estão dormitando.

Não sei se é ainda Mauricio Bourguin, se Charles Gide no segundo volume do seu «Curso de Economia Politica» *(Cours d'Economie Politique)*, onde estuda os quatros systemas em que elle, sob o seu ponto de vista, divide o socialismo, quem nos diz que marchar de olhos vendados é correr o risco certo de dar (palavras textuaes) *um grande trambolhão.*

Tudo isto, meus senhores, venho eu dizendo ha muitos annos. Tudo isto! No livro, no jornal, por todos os meios de publicidade. Sem ser Bourguin, sem ser Gide, antes de Bourguin, de Gide, e d'outros o dizerem. Por pura intuição, sem estar a estudar, como elles estudam, as leis scientificas, e a corrente historica das idéas. Sempre eu disse, centenas de vezes tenho dicto, que o erro crasso dos dirigentes d'esta terra, desde a queda do absolutismo, foi destruir a *moral velha* sem crear a *moral nova.* Estas as proprias palavras que tenho empregado. Sempre eu disse que *quem não sabe é como quem não vê.* Se elles destruiram o ambiente de que se alimentava a moral velha e se não souberam crear o ambiente em que se havia de gerar e florescer a moral nova, se elles deixaram, agitando *idéas incomprehensiveis*, que nem mesmo elles comprehendiam, o paiz immerso em trevas, na mais profunda ignorancia, como não havia de degenerar tudo n'uma cegada, n'uma scena reles d'entremez?

Peguem n'uma camponeza, disse eu muitas vezes, venho-o dizendo ha muitos e muitos annos, n'uma camponeza gentil, graciosa, desembaraçada, esbelta, cheia d'encantos no seu meio, e arremessem-n'a para uma sala vestida de senhora. Mataram-n'a. Tornaram-n'a grotesca. A infeliz não sabe onde ha de pôr as mãos e os pés. Para onde ha de voltar os seus olhos e os seus pensamentos.

Peguem n'um aldeão, que seja *um homem*, em toda a extensão da palavra, no seu burgo, ponham-lhe casaca, e mettam-n'o, obrigando-o ás leis da alta roda, n'um salão. Mataram-n'o. Fizeram de um homem um lobo. Um objecto de entrudo.

Um sobrinho de uma fidalga contava-me uma vez uma aventura que ouvira da propria bocca da tia, já decrepita. A fidalga, quando nova, fugira de noite, com o caseiro. Ao saltarem uma valla, este dissera-lhe:

— *Dá cá* a mão.

— *Dá cá?*... replicou a aventureira, ferida no seu orgulho fidalgo.

— Sim, *dá cá.* O **amor não tem senhoria.**

Bravo, exclamei eu interrompendo o sobrinho. Bravo, espirituoso camponio, que tiveste um dicto de homem!

Eis a moral velha. Tinham andado os dois de rebolão pelo curral das vaccas e queria ella que elle lhe désse excellencia. Eis a moral velha. Foi a fidalga que desceu ao curral, não foi o camponio que subiu ao salão. E o camponio no seu meio ficou tal qual era: um homem desembaraçado e *engraçado.* Té mesmo espirituoso. Intelligente e espirituoso.

Agora a inversa.

Tive aqui, na aldeia, onde moro, um rapazote empregado como ajudante dos serviços de escripturação da gazeta. Defronte ha duas camponezas sympathicas, a Joanninha e a Rosita. O rapazote lembrou-se de namorar a Joanninha, e, confessando-lhe o seu amor, escreveu-lhe uma carta. Tratou-a, naturalmente, como é de uso e costume, **delicadamente**, por *menina?* Não, senhores. O parvo alegre, com a mioleira estragada pelas *idéas egualitarias*, deu-lhe... excellencia. O estafermo!

Quando eu o soube, já elle cá não estava. Senão corria-o. Um parvo põe-me os nervos em revolta.

Eis a moral nova. O diabo do rapaz, que era sympathico, com quem eu não embirrava, surgiu, de repente,... um estafermo.

Eis a moral nova. O rapazote nunca tinha posto luvas. Quiz um dia experimenta-las, sem lhes ter apprendido o uso, e appareceu com ellas... nas orelhas.

E' esta a *passagem perigosa*, a que Maurice Bourguin se refere. Aquella... *où l'homme risque de perdre ses qualités d'autre fois sans acquérir celles que réclame son adaption au nouvel état social.* Que não se assustem, nem se aborreçam, que as citações no original é que dão auctoridade, os que não sabem *francês.* Eu já traduzi. Mas traduzo outra vez. Aquella... *em que o homem se arrisca a perder as suas qualidades de outrora sem adquirir as que reclama a sua adptação a um novo estado social.* E' como um patego que vae cheirar ás ondas sem nunca ter visto nem saber o que é o mar. Feliz d'elle, quando fica somente encharcado até os ossos. Ou mesmo quando, perdendo o pé, o mar se diverte a enterrar-lhe, esmurrando-lh'as, as trombas das areias.

Na *passagem perigosa* quem em Portugal inda mais *perdeu o pé* foram justamente os dirigentes. Matatis mutandis, succedeu-lhes como ao parvo alegre da excellencia á Joanninha. Este, julgando que enfiava as luvas nos dedos, enfiou-as, qual bobo, nas orelhas. Aquelles, julgando que adquiriam novas idéas, apenas transformaram os miolos em hemorrhoidas sahidas. Tendo-se invertido tudo n'esta terra, não admira que lhes passasse o ânus para a cabeça.

N'um doloroso espectaculo de esterilidade e impotencia, não fizeram outra coisa que copiar tudo, mas a esmo. Chochos de todo, nem as idéas alheias souberam imitar, já que proprias as não tinham. Vimo-los comer Spencer em sopas ao almoço, com pé de porco ao jantar, e, á laia de chouriço, frito com ovos á ceia. E assim Gustavo Le Bon. E assim Edmundo Demolins. E assim Maurras. E assim todos. Verdadeiros macacos, desnortearam, endoideceram um povo, deshonraram uma raça n'uma copia, não só despropositada, não só insensata, não só asnatica, mas abjecta, á força de servil. Tudo copiaram estes parvos. Menos a *intelligencia*, menos o *bom senso*, menos o *espirito pratico.* Menos o que, dentro das nossas condições, fosse favoravel a um progresso real, a uma util melhoria, ao desenvolvimento, por trilho positivo e seguro, da nossa infeliz patria.

Pedem-nos um programma! Se nos declararmos conservadores, os *incoyables* chamam-nos jacobinos não mettendo nós no nosso conservantismo o estapafurdio integralismo lusitano. Se nos declararmos *radicaes*, os Batalhas e quejandos chamam-nos, pois que não damos vivas á Russia nem repudiamos o *preconceito da patria*, reaccionarios. Duas correntes, estas, cada qual mais anti-patriotica, cada qual mais contraria á natural evolução das idéas, cada qual mais funesta a Portugal nas circumstancias actuaes, e que, todavia, tem numerosos proselytos, inutil é nega-lo, entre nós. Ambas elles fere Mauricio Bourguin, e muito bem, com as palavras seguintes no livro já citado:

A sociedade do futuro será mais largamente democratica do que a nossa, pois dados os progressos da democracia na ordem politica os progressos da democracia na ordem economica são inevitaveis. A democracia na ordem politica gera a democracia na ordem economica. E' não ter a intelligencia do seu tempo, é fazer do methodo historico um uso incompleto e por consequencia abusivo, isolar-se num culto triste da tradição e dos costumes dos antepassados, é não ter senso historico, renegar todo o movimento do seu seculo, amaldiçoando a soberania do numero, as tendencias para a egualdade e os falsos dogmas de 89, bem que elles tenham adquirido direitos de cidade na historia; é faltar á propria lei de amor do Evangelho, fechar o coração ás aspirações da multidão para uma vida mais alta e um desenvolvimento mais largo da pessoa humana.

O passado teve as suas virtudes e os seus vicios como o presente os tem. O orgulho de raça, o espirito de casta, a violencia das paixões egoistas nos detentores do absoluto poder, a barbaridade dos castigos, o espirito de intriga, os favores iniquos e a corrupção das cortes, nada tinham de mais nobre que a inveja popular, o espirito de seita, a ambição intrigante e a corrupção nas democracias. O sentimento da honra feudal, as virtudes patriarchaes em senhores e servos não tinham um valor mais elevado do que o sentimento da independencia e da dignidade pessoal, do que a piedade fraterna, a dedicação á sciencia, a actividade generosa despendida no serviço da causa popular. A democracia tem as suas fraquezas, porque é humana, mas tambem tem a sua grandeza. E' preciso acolhe-la sem opinião antecipada e sem receios; é preciso ama la e sauda-la com alegria, porque é ella que, n'um estado de alta civilisação, melhor multiplica os valores individuaes e melhor realiza a maior somma de felicidade para o maior numero.

E' este o terreno em que, segundo o meu modo de ver, — e eu defenderei mais largamente a democracia, dos ataques dos seus inimigos figadaes, o integralismo e o syndicalismo revolucionario, n'um dos artigos immediatos,—é este o terreno em que se deve collocar a *Liga de Educação Nacional.* Partidaria decidida das aspirações populares a um melhor estado social, tendendo sempre á elevação do povo, com o culto da justiça e da verdade, com o fervor do ideal, mas inteiramente adversa á *dictadura do proletariado*, que é a tyrannia, que é a destruição de tudo, como adversa a todas as dictaduras, a todas as tyrannias, de homens ou classes, em geral. Mas nacionalista, sem a *demencia do internacionalismo*, como lhe chama Lysis nos seus bellos livros *L'Erreur Française* e *Vers la Démocratie Nouvelle*, antes gritando sempre e cada vez mais: *Viva, viva Portugal!* E' preciso estar louco para não ver, como escreve Lysis, que o **proprio systema economico**, na sua evolução, é **cada vez mais nacional.** A Inglaterra procura *economicamente* vencer os proprios alliados, a França procura tirar para ella *todas as vantagens economicas*, os Estados Unidos procuram *economicamente* **absorver o mundo**, e é n'estas condições que se accentuam e crescem **n'este paiz moribundo**, por um lado os desvarios dos integralistas, rebanto enfermiço dos grotescos *incoyables* da *paole d'honneur*, por outro lado os desvarios communistas, bolchevistas, ultra-revolucionarios.

Viva Portugal! Viva a terra em que nascemos! Viva a nossa raça gloriosa! Não renegamos o noso nome! Não renegamos a nossa historia brilhantissima e immensa, que a não ha, no mundo, mais brilhante nem maior!

E' n'este terreno absolutamente *nacionalista* que ha de manobrar a *Liga de Educação Nacional.* Amando e respeitando a tradição, sem ferir, nem deslenhar, nem ridicularizar as velhas crenças de nos os paes, mas homens do nosso tempo, dentro das leis positivas e reaes da evolução, em marcha cerrada mas firme na estrada larga de democracia, de coração aberto a todas as idéas grandes e generosas, trabalhando **sem descanço** na obra sublime, pelo lado moral, intellectual e material, da elevação do povo. E' n'esse terreno que nos havemos, nós todos portuguêses, de redimir, de rehabilitar. Pela verdade, pelo justiça, pelo direito e pelo trabalho.

Em todos os paizes, como diz mais Mauricio Bourguin, é:

Preciso contar com as causas possiveis do estacionamento ou regressão. Taes como recrudescencia do espirito de aggressão e de conquista, predominancia do espirito revolucionario sobre o espirito de organisação, odios de raças e classes, conflictos em materia religiosa desviando a attenção dos problemas economicos e absorvendo as actividades, reformas desastradas e precipitadas attingindo nas suas origens a producção, arruinando as finanças publicas, provocando reacções nos meios, de pequena burguezia e até nas classes populares.

Eis, companheiros e amigos, colaboradores da Liga, onde tem estado o nosso mal. Para curar a doença, a primeira condição é conhecer o mal. Mas, como vedes, não ha motivo para que os braços nos caiam inertes e a alma em desmaio, desde que esse mal é commum e o tem sido, em todos os tempos, a todos os povos e sociedades. Mas em todos os povos e sociedades *ha as forças latentes occultas, as poderosas reacções, as virtudes novas, os meios de defesa, como no organismo*, que despercebidamente se formam e congregam, durante a propria tempestade, contra o perigo e contra o mal. Companheiros, amigos, collaboradores e socios da *Liga de Educação Nacional*, só nos resta ir habilmente e rapidamente, que a opportunidade e a hora estão soando já, nos bronzes da historia, ao encontro **d'essas forças occultas, d'essas poderosas reacções, d'essas virtudes novas**, e apprehende-las, e orienta-las, e guia-las.

Vinde, homens de Portugal!

Correi, patriotas!

Pela redempção da nossa Patria, pela democracia, pela gloria da nossa raça.

Viva Portugal!

Homem Christo.

25 de Janeiro

Ao que nos informam, reina grande enthusiasmo entre os republicanos d'esta cidade a favor da festa do proximo domingo. Inda bem. Mais do que nunca essas festas se tornam necessarias. Mais do que nunca é preciso levantar o espirito republicano e democratico. A reacção espreita. Os sem patria espreitam. Ai dos republicanos e da republica, ai dos democratas e da democracia se os seus terriveis inimigos os acham esmorecidos, fracos, desanimados. Os republicanos imperam muito mais pela energia do que pelo numero. E' a sua coragem, é a sua perseverança, é a sua decisão, virtudes supremas em qualquer povo do mundo, que lhe dão aqui o triumpho. Qualidades sempre, em todos os tempos, em todas as raças, em todas as manifestações humanas, indispensaveis para a victoria.

Não se esqueçam, amigos! Ponham de parte rivalidades mesquinhas, sentimentos vis, despeitos miseraveis. Não vão os tempos para isso. Nem isso deu proveito *em tempo nenhum.* A bom entendedor... meia palavra basta. Eu vivo só, entre quatro paredes, isolado. Não obstante, sei... tudo quanto se passa.

Vamos. Adeante. E' preciso honrar a cidade e a idéa. E' preciso receber os extranhos **com todas as honras da casa.** *Noblesse oblige*, dizem os francezes. E, tambem, *à tout seigneur, tout honneur.* E é preciso mostrar que a *idéa vive*, n'esta terra, e perdura. E que ha braços para a defender, como boccas para a acclamar.

Faltam só oito dias. Não se descuidem. Esse *descuido*, tão português, é preciso, tambem, que acabe. Dizem-nos que a subscripção deu os melhores resultados. Então agora é applica-la *com habilidade.*

E no domingo escreveremos sobre o assumpto, no domingo, dia das festas, um artigo especial.

Monsanto no Poder

Monsanto nunca deixou de governar. Mas hoje governa *absolutamente.* Por culpa dos democraticos, por culpa dos evolucionistas, dos antigos evolucionistas, por culpa dos *populares*, por culpa de todos, excluindo muito de proposito os infames traidores camachistas. Por culpa da imbecilidade, a mais espantosa imbecilidade que se poderia imaginar, pois já não basta dizer *que se tem visto.* Não. Não é a maior imbecilidade que se tem visto. E' a maior imbecilidade que na imaginação humana, por mais phantasiosa, poderia caber. Por culpa da mais espantosa imbecilidade e da mais espantosa pulhice. Diga-se a verdade até o fim. Diga-se tudo. Não estamos em momento, — cada vez menos, — de meias palavras nem de evasivas. Estamos em momento, — cada vez mais, — das verdades *nuas e cruas.* E de as dizer alto, clamando, não já de azorrague, mas, para abrir de alto abaixo os miseraveis, de machado em punho.

Não são sómente os maiores parvos que a imaginação humana poderia conceber. São tambem os **maiores pulhas** que á luz do dia teem surgido. A imbecilidade não basta para explicar a capitulação, a incoherencia, a baixeza, a desvergonha, que estes **pulhas**, — é o nome, não ha outro, — veem desde Monsanto ostentando com uma indignidade sem limites. Oiçam: **com uma indignidade sem limites!**

Clamaram que o dezembrismo era a maior traição nacional, — **e era**, — da historia portuguêsa. Clamaram que o dezembrismo era a maior traição politica, — e era, — que n'esta politica de bandalhos e de traidores desde a queda de D. Miguel tem apparecido. A maior e **a mais porca**, oiçam lá!, **a mais porca**, que jamais, do meio de tanta porcaria, emergiu. Tratantes que abertamente se dizem monarchicos e que abertamente acceitam cargos de confiança dentro da republica **para assassinar** os republicanos e a republica. Ha um tratante que, dizendo-se republicano, entrega os altos cargos de confiança aos inimigos acerrimos e furiosos da republica. Altos cargos de confiança no militar e no civil. E ha tratantes que, dizendo-se abertamente monarchicos, os acceitam com o proposito deliberado, já, de atraiçoar a republica. A mais descarada e a mais revoltante das felonias! Ha um tratante que, dizendo-se republicano, para liquidar **a tiro**, e por meio de vexames e de perseguições sem nome, os republicanos, chama, dando-lhes as forças que derivavam do regimen e que o tratante usurpara n'um acto de rebellião feliz, os monarchicos em seu auxilio. E os monarchicos acceitam esse papel! Não só da mais revoltante felonia senão tambem da mais insigne e nojenta covardia!

Clamavam, pois, e bem, que o dezembrismo era a maior traição nacional e a maior traição politica. Clamavam tambem, e ainda com razão, que era a maior das tyrannias. E entregam o poder sobre Monsanto ao sr. José Relvas que **tinha pedido uma estatua para o auctor de tudo isso!** E deixam entrar no ministerio, no mesmo ministerio, um bandalho, que lá volta agora coberto de escarros, **que para o mesmo auctor a mesma estatua pedira!**

Os partidos republicanos não davam provas, n'essa hora, sómente de uma imbecilidade sem limites. Iam mais longe. Desciam, elles **que já eram partidos sem honra**, o ultimo degrau da desvergonha. Afundavam-se em ignominia.

Não me invoquem, como pretexto, a razão da *prudencia.* Não me venham dizer que os partidos republicanos se sentiam fracos, ainda, n'esse momento, para energicamente proceder. O que lhes faltou, como sempre, foi, aos que estavam a dirigi-los, o conhecimento da **força das idéas**, que n'esse proprio instante se demonstrara invencivel. O que lhes faltou, como sempre, foi o conhecimento da alma republicana, que n'esse proprio instante se demonstrara **capaz de todos os heroismos.** O que lhes faltou foi **a visão**, que dá o talento, a **decisão**, que dá a consciencia do meio e de si mesmo. Mediocres! Gralhas com pennas de pavão! A imporem de aguias e a rastejar por onde o sapo traz a barriga!

Mas quando tudo fosse assim, ainda uma razão suprema existia para assim não proceder. *Perca-se tudo, menos a honra. Mais vale morte que má sorte.* Este adagio é de todos os povos e de todos os tempos. A sua generalidade e a sua immortalidade provam bem quanto encerram de verdade e de justiça. Francisco I perdeu pela sua incapacidade, ou, se quizerem, pela sua imprudencia, a batalha de Pavia. Foi um tremendo desastre para a França. Comtudo a França perdoou-lhe esse desastre, comtudo a historia esqueceu-se da sua incapacidade e da sua imprudencia, para só se lembrar da maneira por que elle sustentou o cavalheirismo da sua raça e a honra do seu povo. A lenda até tornou mais bella a sua phrase magnifica. Attribue-se-lhe esta phrase na celebre carta a sua mãe: *Tout est perdu, fors l'honneur.* «Perdeu-se tudo, salvo a honra». Quando a verdade é que a phrase é esta: *De toute chose ne m'est demeuré que l'honneur et la vie, qui est sauve.* «De tudo só me resta a honra e a vida, que se salvou». Os povos viveram sempre mais, e hão de viver, do coração que da algibeira. Tendo-se affirmado *com inteira justiça* que o dezembrismo constituira uma *traição nacional* e uma *traição republicana*, pelos principios mais elementares do decoro, da vergonha, não podiam os que o affirmavam, *desse por onde désse*, e logo no dia seguinte ao de Monsanto, transigir com elle. Mas os miseraveis não transigiram. Abdicaram, capitularam, commettendo, por seu turno, com um impudor de que se sentiria envergonhada uma rameira, uma novissima traição.

Ir buscar para presidente do ministerio o sr. José Relvas, e para formar parte do mesmo o bandido Jorge Nunes, ambos signatarios da singularissima circular em que Sidonio Paes era celebrado como **heroe e benemerito**, não foi transigir. Foi abdicar, foi capitular, foi commetter, de todas as traições de que vinha sendo victima a alma simples dos valentes e desinteressados defensores da republica, a mais asquerosa, a mais criminosa, e, para a vida do regimen, **a mais funesta d'ellas todas.** Sim, imbecis, sim pulhas, para a vida do regimen **a mais funesta d'ellas todas.** Porque as outras provocavam *reacções* e estas, digo **estas** porque desde esse dia multiplicaram-se mais do que as ortigas em terra brava, e estas provocavam depressões. Porque as outras provocavam gritos de raiva, juramentos de desforra, protestos de vingança. E estas lagrimas de dôr, lamentos de desanimo, palavras e gestos de descrença e de tristeza. Porque as outras *moralizavam.* A traição, no inicio, emquanto não matou a fé, moraliza o luctador. E estas *desmoralizavam*, porque o maior veneno para as almas é a traição *do que combatia o traidor*, é a traição generalizada, é a traição repetida. Miseraveis, que não sei que mais admirar, se a vossa imbecilidade sem egual, se a vossa pulhice sem limites. Raça de pulhas, recua de parvos, que tendes sido a serpe maldicta a ejacular peçonha na alma deste povo infeliz.

A indignação que me invade, e a colera, quando recordo todo o meu esforço perdido! Leio agora mesmo, n'um semanario de provincia, *A Plebe*, creio que transcripto da *Monarchia*, o seguinte:

D. Manuel de Bragança affirmou á Junta do Integralismo Lusitano:

Que Paiva Conceiro tem sido um joguete nas mãos dos governos hespanhois, interessados na nossa desordem interna. A influencias de Espanha attribue as recentes inconfidencias diplomaticas de E. as Moniz e Cunha e Costa, publicando documentos de caracter reservado dos aliados. Recorda a estada de Egas Moniz em Madrid, no seu regresso do lugar de presidente da delegação portuguesa á Conferencia da Paz, dizendo que na realmente nessa occasião se teriam exercido sobre esse politico aquelas influencias das esferas e panhoes, de que resultaria o caracter contrario ao interesse dos aliados. **Sabe que a Espanha trabalha activamente para conseguir da Sociedade das Nações um mandato de intervenção em Portugal.**

E' assim mesmo, positivamente assim. Quero dizer, na parte que eu conheço, as affirmações do Senhor D. Manuel correspondem á verdade e á justiça. Os

factos e o tempo sempre confirmando o que eu digo. Eu vou falando, eu vou dizendo, eu vou prevendo, ou no meio da indifferença geral, ou vivamente desmentido por estes pulhas. Mas, de repente, tudo surge como eu dizia. Aqui affirmei que Paiva Couceiro era um bandido. E o tempo e os factos demonstraram que, com effeito, era um bandido. Aqui affirmei que Paiva Couceiro era um traidor. E o tempo e os factos demonstraram que, com effeito, era um traidor. Aqui affirmei que o Senhor D. Manuel, o proprio Senhor D. Manuel, o tinha n'essa conta, e que dizia aos seus amigos que se Couceiro não mudasse de rumo o expulsaria, publicamente, do partido monarchico como traidor. Veio desmentir-me com *energia* e com *entono*, no *Diario Nacional*, o famigerado Annibal Soares, o tartufo. E o tempo e os factos demonstraram que, com effeito, era eu que estava na razão e na verdade, como se tem visto das revelações que trouxe a lume o incidente entre o Senhor D. Manuel e o integralismo lusitano. Aqui affirmei que a Hespanha, combatendo a historia da *harmonia iberica* em artigos successivos, só nos queria absorver. Aqui sustentei com vehemencia que era necessario que sahissemos, para contraminar os enredos da Hespanha, da guerra com prestigio. A Hespanha era para mim, como se viu, justamente um dos motivos da nossa intervenção armada no tremendo conflicto. A Hespanha commettera o *erro* de ficar neutral. Era necessario que tirassemos todas *as vantagens* d'esse erro. E assim succederia se isto fosse um paiz de homens, em vez de ser, como é, um paiz de *grandes bestas*. Paiz de homens, seriamos nós, que não a Hespanha, quem ficaria em situação preponderante na Peninsula. Pois as bestas que nos dirigem tiveram a suprema habilidade de tecer as coisas de tal forma que nós é que ficámos por baixo e a Hespanha é que ficou por cima! Incomparaveis, de estupidez!

Todos estes cavallos apregoaram, extasiados, o *oiro* que entrou na Hespanha. Todos estes cavallos exaltam a *valorisação* do dinheiro hespanhol e a *desvalorização* do dinheiro português. Estes cavallos, que, com a Intellectualidade Brito Camacho á frente, attribuem esses factos á circumstancia da Hespanha ter ficado neutral e nós termos entrado na guerra. Mas eu, n'um instante, se elles querem, n'um decreto com meia duzia de linhas, faço subir o valor da moeda portuguêsa acima do valor da moeda hespanhola, e entrar mais oiro em Portugal do que todo o oiro que está entrando na Hespanha. E ainda ficarei com um pouco d'elle de reserva para derreter, e deitar, derretido, pela bocca abaixo dos traidores. Basta reduzir o nosso dominio colonial ás proporções do dominio colonial de Hespanha.

Uma das nossas superioridades sobre a Hespanha, a quem não temos nada que invejar, são as bellas e ricas possessões ultramarinas que ainda conservamos. Perde-las-iamos, fatalmente, se não temos entrado na guerra. Pois bem; o que não perdemos pela força das armas podemos perde-lo trocando-o a dinheiro. E fica provado que *arranjámos* **mais oiro** com entrar na guerra, e **valorizámos mais a nossa moeda**, do que a Hespanha não entrando. Quereis, miseraveis?

Com clareza e precisão, com absoluta nitidez eu desenhei aqui a situação de Portugal tanto na politica interna como externa em face do grande conflicto europeu. Tudo por mim foi previsto, até a *poussée* socialista, que eu dei como certa quando todos a negavam. Baldado esforço! Todos os esforços intelligentes são inuteis em Portugal.

Na politica interna, cada vez se accentuou mais a vergonhosissima traição. A traição e a crapula, de que todos foram cumplices, de que nenhum partido se salvou, Até darem a restauração de Monsanto no poder, aliás na logica da infamia desde a primeira hora! Este era o corollario fatal de toda a serie de attentados e vergonhas que se vinha executando ha um anno. E ainda agora de uma inepcia, **em todos**, e de uma indignidade que faz nauseas. O ministerio Sá Cardoso cahiu *sem nenhum motivo constitucional*. Sem nenhuma *razão justificavel*. D'elle faziam parte *todos os chefes* das varias facções em que se divide e se divide o partido democratico. E todos elles provaram mais uma vez a sua incapacidade. *Nunca* um governo cahiu no proprio dia da sua recomposição tendo a confiança do presidente da republica e maioria parlamentar, só porque meia duzia de bestas puseram as mãos no chão e desataram a dar-lhe coices em plena camara dos deputados. Quem escreve estas linhas, que nunca se sentiu bem senão quando viu Portugal inteiro contra elle, que nunca dobrou a cerviz nem quando as quadrilhas todas juntas lhe davam caça como a uma fera perigosa, julgar-se-hia o ultimo dos imbecis e dos covardes se, com confiança do presidente da republica e tendo maioria nas duas camaras, **fugisse**, e no proprio dia em que se apresentasse com um ministerio reconstituido sobre uma crise demorada, deante de duas, três ou quatro duzias de pulhas, que o insultassem. Vergonha das vergonhas! Os marechaes democraticos deram a ultima prova da sua incapacidade.

O sr. Sá Cardoso **fugiu**. Este é o facto. E' um homem honesto, é um homem sério, é um homem bem intencionado. Mas sem qualidades de acção e de combate. O seu dever, mesmo por dignidade do poder, mesmo por dignidade parlamentar, mesmo por disciplina social e partidaria, não era fugir, **era ficar**.

Quanto aos grupos da opposição, o socialista não se discute, desde que consagrou gatunos como Dias da Silva e traidores como Ladislau Batalha. O regenerador-liberal, esse estava no seu papel. Que analysaremos largamente n'um artigo immediato. Mas o *popular*? Que interesse tinha ou podia ter esse grupo em derribar os democraticos? Que interesse tinha ou podia ter esse grupo em que o governo fosse entregue aos regeneradores liberaes, e sendo certo que essa solução era mais do que provavel desde que cahissem os democraticos? Bastaria que os populares houvessem ficado neutraes na arruaça parlamentar para que a situação mudasse. A attitude dos populares é que *deitou a terra* o governo democratico. A attitude dos populares é que deixou aberta *uma unica solução*: a subida dos monarchicos. Foram elles que deram a ultima palhetada, a derradeira e a decisiva, na restauracão de Monsanto, que desde a queda de Monsanto se preparava. E assim se exauctorou e esbandalhou essa patrulha, que mal tinha iniciado os seus passos. E assim se confirmou mais uma das minhas previsões: que tudo que se organizar com os mesmos homens, dentro dos partidos constituidos, é peor... do que o que estava.

Abysssus abyssum invocat.

SARGENTOS

Recebemos a carta que se segue:

Porto, 8—1—920

Ex.mo Sr.

Um velho amigo e verdadeiro republicano, chamou-me a atenção para o artigo publicado no ultimo numero do jornal "O de Aveiro„ intitulado "Sargentos„ que transcreve uma carta dirigida a V. Ex.a em que me são feitas acusações falsas e calumniosas.

Devo dizer a V. Ex.a que nada percebo acerca do tal castigo de 40 dias de prisão correccional, parecendo-me haver equivoco, talvez propositado do autor da carta; pois que, nada d'isso se deu comigo, seria talvez em setembro de 1918 e não 1919 e com o antigo comandante do R. I. 18, ex-coronel Beça. A carta estabelece confusão. Mistura infantaria 18 com o grupo de metralhadoras; no grupo, recordo-me, que talvez n'esse mez em 1918, estando uma noite os regimentos de prevenção, recebi um telegrama da Divisão ordenando-me mandasse dar entrada imediatamente na Casa de Reclusão a um 2.o sargento, ordem que eu tive que cumprir e para a qual em nada contribui, sendo até para mim surpresa o motivo da prisão, não me constando que fosse punido com prisão correccional, mas sim, que estivera preso até 13 de fevereiro sem que lhe tivessem sido aplicados quaesquer dias de prisão, *x* ou *y*.

E' certo que alguns oficiaes estavam reunidos na sala do oficial de dia em virtude da ordem de prevenção e egualmente presente o sargento que fôra nomeado para o acompanhar, na ocasião em que lhe transmiti a ordem de prisão, perguntando-lhe até se sabia o motivo. Fui portanto completamente alheio ao facto e nem sequer me foi pedida qualquer informação a seu respeito. Será este o caso? E' possivel, mas a esse sargento, que com verdade, nada pode dizer em meu desabono, até lhe concedi licença de 30 ou mais dias, não me recordo ao certo, logo que reassumi o comando em 13 de fevereiro, e a seu pedido; portanto, só me deve considerações e favores, legaes está claro, pois só faço o que é legal e de justiça, como é proprio do meu caracter, cuja rectidão e lealdade V. Ex.a, que foi meu antigo camarada em infantaria 7, deveria ter ocasião de conhecer, até no processo que lhe foi movido pelo comandante do regimento; nos exercicios de quadros em Arganil, quando V. Ex.a era capitão de infantaria 23, as nossas relações de boa e leal camaradagem foram egualmente um facto. Foi pois com a maior estranheza e até desolação, que eu li no jornal de que V. Ex.a é director, não só as referencias ignobeis e caluniosas do seu articulista, mas principalmente, a nota da redacção que ao facto e á minha pessoa tão injusto e incorrectamente se refere.

Foi V. Ex.a certamente mal informado e talvez até não ligando o nome á pessoa e d'ahi, o fazer-me as referencias (baseadas em falsidades de informação) erroneas e injustas. V. Ex.a sem o querer, creio-o bem, é injusto para comigo e presta um mau serviço á Patria e á Republica; V. Ex.a ignora que eu, sendo comandante do 3.o grupo de metralhadoras no periodo que antecedeu o dezembrismo, fui posteriormente á revolução sidonista, deslocado e colocado no Estado Maior da Arma, com residencia obrigatoria em Lisboa, porque dizia alguem d'esta cidade, eu era democratico; ora, era certo que eu tinha sido colocado no comando do grupo pelo Norton de Matos de quem era e sou amigo pessoal desde os bancos da Escola de Guerra; mas, nunca fui democratico ou de qualquer outro partido, e sim simplesmente republicano leal e sincero. Emquanto estive em Lisboa tratei de provar isto, sem de qualquer forma dizer mal dos democraticos, pois isso seria contrario ao meu caracter; e, tendo-a conseguido fui novamente colocado no grupo, onde continuei servindo o melhor que pude a Patria e a Republica, n'um periodo deveras dificil por me achar deslocado, relativamente aos outros camaradas, por ser alheio a habilidades de qualquer especie politica.

V. Ex.a pergunta, referindo-se á minha pessoa, "como é que este homem que foi dos que assignaram a intimação ao *Norte*, se encontra no Porto á frente de um regimento?„ etc., etc. Em primeiro logar devo dizer-lhe, que a parte que tomei n'esse facto foi inteiramente alheia á politica; eu ignorava n'essa epoca e ignorei por muito tempo ainda, as intenções dos meus camaradas comandantes das outras unidades, e fui chamado ao Quartel General, onde me foi narrado por um d'elles que o jornal *O Norte*, cuja politica eu então ignorava, publicara um artigo anti-patriotico e ofensivo da dignidade do exercito, do qual leu alguns pontos em que eram classificados de traidores e cobardes os oficiaes que tão nobremente se estavam sacrificando em França, longe dos seus, em defesa do Direito e da Justiça e por honra da Patria e da Republica.

Ora tal doutrina irritou-me profundamente, pois que, o artigo ferindo a dignidade da colectividade, feria egualmente a da Patria—a que o exercito pertence. Foi n'essa ordem de ideas e como protesto que eu, comandante de unidade, independentemente de qualquer idéa politica, me associei na intimação ao *Norte*, como o faria a qualquer outro jornal que expuzesse tal doutrina. Dir-me-ha V. Ex.a, sim, mas a intenção dos outros signatarios era suprimir um jornal democratico. Seria, agora estou mesmo convencido d'isso, mas não na ocasião, pois estava de boa fé e completamente alheio á traição já então planeada contra a Republica; e, de resto, a supressão foi devida a darem margem a isso, pois, a meu ver, pode e deve fazer-se politica sem ofender o exercito, nem haver quebra de disciplina e desprestigio para a Republica.

V. Ex.a poderá dizer que eu fui muito ingenuo. Efectivamente fui um tonto e, só nos fins do ano é que eu comecei a desconfiar das intensões de alguns camaradas e lhes afirmei, sob palavra de honra, que a solidariedade militar não me obrigaria de forma alguma a ir contra a minha consciencia e trair o juramento á Republica, afirmaram-me elles que nada havia contra a Republica e simplesmente divergencias com o governo d'então.

Explicado o motivo da intimação do *Norte*, passarei a explicar porque me encontro á frente do regimento 18; porque, se melhor o disse melhor o fiz e, fui o unico comandante de unidade da guarnição que não enviou contingente á parada do Monte Pedral e declarou terminantemente no proprio dia 19 de janeiro, que não reconhecia nem acatava a junta governativa provisoria, pelo que, fui destituido do comando, que de resto eu terminantemente resolvera deixar, e mandado recolher a casa, ficando como homenagem na cidade; não me fardando nem entrando em qualquer repartição ou edificio publico, até 13 de fevereiro, em que voltei a comandar o grupo, quando ainda o resultado da contra revolução era duvidoso.

Foi este o motivo porque fui louvado em ordem do exercito por "ter dado um grande exemplo de lealdade e dedicação á Republica„ e proposto sem o solicitar para o comando do regimento, onde me conservo com sacrificio da saude, por julgar poder ser util ás instituições republicanas e á Patria. Só por isso, creia-o V. Ex.a.

Quem assim procede, quem sempre considerou e tratou com as devidas atenções os seus subordinados, oficiaes, sargentos e mais praças, alheando-se por completo á politica e só pensando no cumprimento do dever, parece-me ter jus á consideração geral e á estima dos seus subordinados e, conservar-se superior a quaesquer calunias que vis espiritos lhe queiram assacar. Creia V. Ex.a que o seu jornal presta um mau serviço á Patria e á Republica, dando cabida nas suas colunas a mentiras e calunias que mais contribuem para a desnorteação dos espiritos e indisciplina que lavra na sociedade portugueza e á qual, me pareceu pela leitura que fiz ha pouco do seu livro sobre o bolchevismo, V. Ex.a tentou pôr um dique. Não é deturpando os factos e as intensões, denegrindo caracteres cuja crise é tão grande infelizmente no nosso paiz, adulterando as acções e provocando a indisciplina, que a Republica se dignifica. V. Ex.a sabe-o bem e por isso fazendo apelo á nossa antiga camaradagem, eu espero que V. Ex.a rectifique no proximo numero do seu jornal as falsidades da carta e a sem razão e injustiça do comentario feito, n'ella baseado.

Com toda a consideração

De V. Ex.a
att.o venerador,

Luiz Carolino de Mello Leite Gama Lobo

P. S—Devo dizer a V. Ex.a que nem no regimento nem em parte alguma prohibi a leitura do jornal *O de Aveiro* a qualquer subordinado. Se houver alguem que o afirme tenha a coragem de não se acobertar com o anonimato, que eu o contraditarei.

Luiz Gama Lobo

Effectivamente, não sabiamos que o actual coronel commandante de infanteria 18 era o antigo tenente de infanteria 7, onde eu fui capitão. Passou-nos, primeiro, pela idéa que seria o mesmo, quando foi do caso do *Norte*. Mas, pela natureza d'esse caso, que não abona os creditos de nenhum dos officiaes que n'elle entraram, e sendo a familia Gama Lobo, ou tendo sido, nomerosa—conheci mais de um official com esse nome—afastámos, do espirito, logo, essa idéa.

Sim, senhor, o tenente Gama Lobo era um cavalheiro. Se me lembro d'elle! Sim, senhor, lembro. Sim, senhor, ligo o nome á pessoa. Agora ligo. A minha memoria é admiravel. Parece que o estou a ver, e que estou a ver aquillo tudo, na Cova da Moura, tanto tudo se retrata, fielmente, officiaes, sargentos, cabos, soldados, cornetas, musicos, configuração da casa e do terreno, na minha riquissima memoria. Se o estivesse vendo reproduzido n'uma fita cinematographica, não o veria com mais exactidão, com mais fidelidade.

O tenente Gama Lobo era um cavalheiro. Homem recto e leal. Folgo de o declarar. E tanto mais quanto havia lá tratantes de se lhes tirar o chapéo.

Se eu soubesse de quem se tratava, não seria tão aspero. Mas olhe que a censura era fatal. Não no caso do sargento, que logo me pareceu *trapalhada*. Por isso escrevi, já desconfiando, que *se havia coisa a mais ou a menos no verdadeiro motivo dos 40 dias de prisão, ignorava*. Mas no caso do «Norte», que é indesculpavel. E foi essa má impressão que me levou a acolher a queixa que a proposito do sargento se formulou.

O caso do "Norte„, senhor Gama Lobo, é *indesculpavel*. Tenha paciencia. A sua carta inda mais o compromette. A sua carta *enterra-o*. Eu não quero tirar d'ella todas as illações, nem trata-lo á má cara, senão o meu excellente coronel desapparecia... *pelo chão abaixo*. Para que escreveu tanto? Escrever pouco é que é, meu caro coronel. Isso de escrever muito é para quem é. Escrever pouco, escrever pouco. E' a boa regra.

Então o senhor Gama Lobo é republicano, está no Porto, e ignora a politica do "Norte„? Vossa Excellencia de donde é? Da lua ou da terra?

Pelo visto v. ex.a *nunca* tinha lido o *Norte*. Pelo visto v. ex.a *nem n'esse dia leu o «Norte»*. E pelo visto, emfim, v. ex.a nem lê as ordens do exercito. Já é lêr pouco, caro coronel!

Diz v. ex.a que a doutrina do artigo do *Norte*, que era a minha, pois o artigo era transcripto de *O de Aveiro*, o «irritou profundamente, pois que, ferindo a dignidade da collectividade, feria egualmente a da Patria, a que o exercito pertence». Mas digame: e não o irritou profundamente a leitura das ordens do exercito onde eram reintegrados os bandidos que haviam sido abatidos por terem desertado para não irem para a guerra? E onde voltavam ao activo outros que, pelo mesmo motivo de não irem para a guerra, tinham sido reformados? Ou v. ex.a não lê tambem as ordens do exercito?

Esses é que eram os traidores e os covardes que o artigo do *Norte* fulminava. Diz v. ex.a que no quartel general «lhe narrou um camarada de outra unidade que o *Norte* publicava um artigo anti-patriotico do qual leu alguns pontos em que eram classificados de traidores e cobardes os officiaes que tão nobremente se estavam sacrificando em França, longe dos seus, em defeza do Direito e da Justiça e por honra da Patria e da Republica„. Isso é **inteiramente falso**. V. ex.a não podia ouvir tal coisa porque isso **não estava, nem está**, no artigo do *Norte*. O que lá estava e está é **justamente o contrario**. Exalta-se o bom e o patriota e fulmina-se o ruim e o traidor.

Mas se V. Ex.a nunca ouviu dizer que havia officiaes *covardes e traidores*, durante esse periodo da guerra, no exercito? Mas se v. ex.a nunca leu, sequer, as ordens do exercito, em que alguns d'esses pulhas eram reintegrados? Mas se v. ex.a não via o que até *viam* os cegos?

Ora quem lê, vê, ouve tão pouco, e tanto ignora, não pode commandar.

O coronel é o tenente de outrora. Mas com 24 annos por cima soffreu.. os estragos de edade.

E' natural. Quem andou não tem para andar.

Um acto lamentavel

Um amigo pede-nos a publicação da seguinte carta, sob o titulo *Um acto lamentavel*, que o sr. Alberto Lança dirigiu á *Manhã*. Gostosamente o fazemos, já por homenagem ao intrepido official de marinha, nosso muito prezado amigo, Armando Agathão Lança, já para dar relevo, o maximo relevo, a mais um acto infamissimo do banditismo nacional. Reparem os leitores, e para ella vivamente chamamos a sua attenção, na carta que abaixo se lê, do governador civil do Porto. Que criterio! E que repugnante hypocrisia!

Quem é Alberto Cruz? Ninguem sabe! Quem é Armando Agathão Lança? Ninguem o ignora. E' um intrepido official de marinha, um grande patriota, uma bella intelligencia e um nobilissimo caracter. E' um homem que se bateu heroicamente, á frente dos seus marinheiros, derramando o seu sangue, cahindo moribundo, pela republica e pela patria, quando os traidores davam a uma e a outra um vilissimo assalto. Mas o anonymo Alberto Cruz era eleito... *por ser democratico!* E o republicano, e o patriota, e o valente soldado, o destemido marinheiro, o nobre e levantado caracter, de que se devia e deve ufanar uma raça, para sua honra e gloria, lançado á margem por... *ser democratico!*

Eis o banditismo puro! Eis a desgraça nacional! Nada em honra da nação nem em proveito geral. Tudo em honra do bando e em proveito partidario. Os homens de alta estatura, quando não põem a colleira das quadrilhas quando se manteem altivos e dignos, *preteridos* pelos anonymos, os insignificantes, os mais reles quadrilheiros. Para ainda depois virem com as manigancias e as lagrimas de crocodilo com que o ex-governador civil do Porto chora o pontapé applicado no heroico Armando Lança. O estupido governador civil, porque, alem de tudo, aquella carta demonstra quanto o seu signatario é bronco e charro.

Abaixo o banditismo! Fóra os bandidos, que exploram e deshonram a nação!

Eis um acto, contra o qual, se já estivesse constituida, teria energicamente protestado, levando os seus protestos até *onde fosse preciso*, a *Liga de Educação Nacional*. E' servir a educação publica, e servi-la poderosamente, impedir a *todo o transe* que continue o systema degradante, vergonhoso, ignobil, nefasto, dos homens competentes, de valor, de intelligencia, de caracter, e com serviços ao paiz, serem *preteridos*, porque são *altivos e dignos*, pelos... *piolhos partidarios*.

Segue a carta:

Ex.mo Senhor Director de *A Manhã*:

Porque continuo a ser assediado com perguntas sobre a eleição suplementar n'este circulo, venho rogar a V. Ex.a a publicação do seguinte:

——Tendo *A Manhã* de 27 de novembro ultimo feito sob a epigraphe acima, algumas criteriosas e justas considerações sobre a oposição que o Directorio, algumas comissões politicas e diversas entidades do P. R. P. fizeram á eleição para deputado, por este circulo n.o 10, de meu irmão, o tenente de marinha Armando Agatão Lança então, como agora, ausente e em viagem de serviço oficial no "S. Gabriel„, cuja candidatura foi proposta pelos republicanos d'este concelho, sem que meu irmão para isso influisse, antes tendo manifestado anteriormente ao seu embarque a sua relutancia em ser deputado, o Directorio do mesmo partido tentando eximir-se ás responsabilidades que lhe pesam n'esse significativo episodio de politiquice mesquinha, enviou ao jornal que V. Ex.a tão proficientemente dirige a nota oficiosa cujo teor peço licença d'aqui reproduzir.

"A intervenção do Directorio do P. R. P. na eleição suplementar que ultimamente se roalisou no circulo de Penafiel, limitou-se, tão sómente, a sancionar o candidato que as respectivas comissões politicas escolheram, em reunião conjunta e em que apenas houve a divergencia de um voto. Este voto foi emitido pelo delegado do concelho de Baião, que propôs o seu conterraneo e ilustre republicano Agatão Lança, proposta não aceite pelas outras comissões, porque sabiam que ele, se estivesse em Portugal, não aceitaria a candidatura, e se fosse eleito não tomaria assento na camara. Foi esta a declaração que por Agatão Lança, firmando-a sobre palavra de honra, n'um banquete realisado em Baião em sua homenagem, pouco tempo antes das eleições geraes, em virtude das comissões politicas de Penafiel insistirem apesar dos seus repetidos protestos, em o inlcuir na lista, dos candidatos a deputados.„

——Esta nota do Directorio está em flagrante contradição com a verdade. A declaração por meu irmão feita em Baião, no banquete aludido, pouco antes das eleições geraes, foi de que não iria ao parlamento n'essa ocasião, ainda que o elegessem, nem por este nem por qualquer dos outros circulos que lhe haviam sido offerecidos. E uma das rasões d'essa atitude de meu irmão era de ser ineligivel por não ter ainda completado os 25 anos. Estavam presentes os srs. drs. José Domingues dos Santos, Paiva Manso, Julio Gomes dos Santos, alem de algumas dezenas mais de cavalheiros de Baião e de fóra, cujo testemunho é tão digno de credito como o d'aqueles ilustres membros do P. R. P.

E tanto a declaração de meu irmão não foi o que o Directorio pretende, e que não posso imaginar por que via chegou assim adulterada, ao seu conhecimento que, discursando n'um brinde a meu irmão, o sr. dr. José Domingues dos Santos, hoje ministro do Trabalho e ao mesmo tempo governador civil do Porto afirmou que, Armando Lança,—não querendo nem podendo, pela sua falta de edade, ser então eleito, devia sêlo, quizesse ou não quizesse, na primeira eleição. Daí a dias, n'uma reunião efectuada no gabinete do mesmo senhor, no Governo Civil do Porto, ficou assente entre S. Ex.a e os representantes das comissões politicas do circulo, todas democraticas, ao menos em maioria, o compromisso formal de que Armando Lança seria eleito deputado pelo seu circulo na primeira eleição a realisar. Foi este compromisso o principal argumento que o sr. dr. Lago Cerqueira invocou na celebre reunião das comissões do P. R. P. convocada adrede pelo sr. dr. Antonio Rezende, actual governador civil do Porto para impor a candidatura do seu protegido, sr. dr. Alberto Cruz, contra a de meu irmão, já anteriormente proposta pelos republicanos de Baião, democraticos na quasi totalidade.

O sr. dr. Lago Cerqueira, deputado democratico por este circulo e vulto de consideravel influencia eleitoral pugnou até á ultima, n'essa reunião, pela candidatura de meu irmão, só cedendo no final, perante os instantes apelos do sr. governadsr civil á disciplina partidaria.

Assevera ainda o Directorio que "as comissões politicas não aceitaram a candidatura de meu irmão, por saberem que ele, se estivesse em Portugal, não a aceitaria e, se fosse eleito, não tomaria assento na camara„. Muito bem informadas andavam, pelo visto as comissões e o Directorio sobre as intenções de meu irmão!?...

Nunca ele, ao tratar-se da eleição suplementar fez taes afirmações e se as fez quando das eleições geraes é que tinha razões imperiosas para isso; e que essas afirmações se entendiam só com as eleições geraes, era a opinião de todos, mesmo do sr. dr. José Domingues dos Santos como do que acima deixo exposto se deduz.

Todas as creatnras de bem e que bem conhecem o pensar de meu irmão não teem a menor duvida de que ele seria capaz de renunciar ao seu logar na camara se bons e leaes republicanos, atendendo sómente ás suas qualidades de caracter e extremo defensor da Republica, o encarregassem de ali pugnar pelos sagrados interesses da Patria.

De mais se a sua eleição representasse, como realmente representava, uma homenagem de gratidão a quem tanto pela Republica se tem sacrificado, creio bem que não estaria no seu animo renunciar a essa honra, embora uma cadeira em S. Bento fosse para ele um sacrificio.

Dois dias após a conferencia eleitoral referida do sr. governador civil do Porto com os representantes das comissões politicas do circulo, escreveu-me S. Ex.a a carta que a seguir transcrevemos, obtida previamente a devida auctorisação:

"Repnblica Portugueza — Governo Civil do Porto — Gabinete do Governador Civil—19-XI-919——Meu ex.mo amigo: Realisou-se na segunda feira, como eu tinha dito a V. Ex.a, a reunião para a escolha do candidato a propor na eleição que no proximo domingo se realisa. Compareceram os representantes de todos os concelhos que compõem o circulo, e depois d'alguma discussão, todos os concelhos — com excepção do de Baião— escolheram para candidato o dr. Alberto Cruz.

Todos os representantes que falaram na reunião tiveram para com seu irmão as palavras da maior consideração e estima pelas belas qualidades que o distinguem e que fariam d'ele o candidato invencivel... se fosse democratico.

O proprio dr. Cerqueira do Lago que, honrando o compromisso tomado, defendeu até á ultima a candidatura de seu irmão, concordou em que a minha atitude no assunto em discussão não podia ser diferente da que eu tomei.

Eu não tive outra intervenção que não fosse explicar a situação que criavam ao partido os que, tendo de optar por uma de duas indicações, escolhessem o candidato que não fosse correligionario.

Depois da votação tentei demover o dr. Costa do proposito de *malgré tout* votarem em Baião o nome d Armando Lança. Salientei-lhe bem quanto será desagradavel dizer-se que seu irmão foi vencido quando na realidade todos o estimam e todos desejariam votar n'ele se o podessem fazer sem ofensa aos principios partidarios.

Para mim é um grande desgosto este de não ser eleito um amigo para quem eu acho poucas todas as honras e todas as distinções, mas na minha situação oficial não pude proceder d'outra maneira.

Os dedicados amigos de seu irmão que arrostaram com tudo em defeza da candidatura dele, merecem a minha consideração pela prova de indefectivel estima que lhe deram; mas a presistencia na ideia de apresentarem o seu nome ao sufragio é que me parece de um exagero desmarcado. Emfim o que eu quero é, mais uma vez, dizer a V. Ex.a que a minha amisade e a minha consideração para seu irmão nada tem que ver com o procedimento que as circunstancias me obrigaram a ter.

Com a maior estima, sou

De V. Ex.a
C.o mt.o at.o vnd. am.o obgm.o
Antonio Rezende.„

Em face d'esta carta, suficientemente elucidativa, quem duvidará ainda de que a nota do Directorio do P. R. P. não exprime a verdade dos factos e de que a candidatura de meu irmão, foi pelo Directorio, pelas comissões politicas, pelo sr. Governador Civil do Porto e por outras altas entidades do partido sacrificada á do sr. dr. Alberto Cruz, unica e exclusivamente por ele não ser democratico?

Meu irmão não tem o menor desejo de ser deputado, posso afirmal-o e ele assim o tem declarado, mas isso não obstava a que o Partido Democratico apoiasse e sancionasse a homenagem que os republicanos de Baião, na sua quasi totalidade bons e dedicados democraticos, com larga folha de serviços partidarios, quizeram prestar-lhe propondo e votando o seu nome.

Não succedeu assim; embora:—mas ao menos não se busque alijar responsabilidades por processos que serão tudo, menos... democraticos. As intrigas e os mesquinhos enredos que em torno d'essa decantada eleição se teceram com mão desastradamente inhabil não passarão em julgado sem serem devidamente desfiados.

Agradecendo a V. Ex.a a fineza d'esta publicação e pedindo desculpa do consideravel espaço que lhe roubei, confesso-me

De V. Ex.a
mt.o at.o vnd. e cr.o obg.m
Alberto de Castro Agatão Lança.

TABACO

Chegou pacotes, cigarros e charutos

Casa da Costeira—Souto Rafolla

AVEIRO

Liga de Educação Nacional

Dr. Antonio Lucio Vidal e dr. José Gomes da Costa

A carta que se vae ler participa-nos a adhesão do dr. Antonio Lucio Vidal, do concelho de Vagos, e do dr. José Gomes da Costa, do concelho de Agueda, concelhos, ambos, cá do districto de Aveiro, como se sabe:

Meu illustre Amigo

Eu e o meu confrade Dr. José Gomes da Costa, mais conhecido pela antifrase de Zé Máu, aderimos á Liga de Educação Nacional.

Concordando absolutamente com a tese, que V. Ex.ª sempre apresentou, como trabalho preliminar da tarefa ingente do resurgimento nacional—instrução e educação—a nossa adesão é mais um acto de coerencia, que condiz com o nosso patriotismo e espirito republicano.

Disponha V. Ex.ª sempre do

Amigo certo,

A. Lucio Vidal.

E' superfluo encarecer a importancia d'estas duas adhesões. Antonio Lucio Vidal, que nos seus tempos de estudante provocava a maledicencia por estrondosas rapaziadas, é uma das almas mais bem constituidas, um dos caracteres mais sólidos e uma das intelligencias mais lucidas da moderna geração. Se o affirmamos resolutamente é porque temos tido, em momentos difficeis e perigosos, occasião de o estudar e de o apreciar. E' uma alma d'élite. E' um *homem*, em toda a extensão da palavra. E um patriota. Um grande patriota. E um republicano dedicadissimo, resoluto, corajoso, tendo já prestado á republica, novo como é, serviços assignalados. Será um dos membros mais illustres e prestadios da *Liga de Educação Nacional.*

Ao dr. José Gomes da Costa mal o conhecemos. Só uma vez lhe falámos, e essa mesma de fugida, aqui, em Aveiro, uma tarde, quando passeavamos um pouco (feliz de nós, então, que ainda tinhamos uma vez na semana uma hora ou duas para passear, e ai de nós, agora, que até essa felicidade se nos acabou) quando passeavamos um pouco no Largo Municipal. Mas tambem deve ser um homem, pois que lhe chamam o *Zé Mau.* Zé Mau! N'esta sociedade de Auroras cegas de um olho, de Céos de bocca torta, de melifluos Adelaides, de Lilis e de Lúlús, a maior honra que se pode conceder a um homem é chamar-lhe *Zé Mau.* Faça o sr. Gomes da Costa uma coisa, não torne a assignar o seu nome sem pôr por baixo, entre parenthesis: *Zé Mau.* Para os raros, rarissimos, homens superiores d'este paiz é uma recommendação assignalada.

De resto, a reputação corresponde á *antiphrase*, como diz o dr. Lucio Vidal. O dr. José Gomes da Costa é *Zé Mau* porque é *Zé Bom.* Porque é *um homem*, tambem. Um homem com a cabeça no seu logar, n'este paiz em que quasi todos a trazem perdida, e sem saber por onde. Um patriota e um republicano, n'esta terra onde um *snobismo* pelintra e idiota tem levado a *mocidade doirada* para o campo do integralismo e a *mocidade plebeia* para o campo dos *sem patria.*

Bemvindo seja, ao campo genuinamente português e democrata,—o unico compativel com a hora presente, pois não é uma mentira a lei evolutiva das sociedades e das idéas,—da *Liga de Educação Nacional.*

* * *

Alcanena, 12 de Janeiro de 1920.

Ex.mo Sr. Homem Christo

Em 17 de dezembro findo enviei d'aqui a V. Ex.ª a minha adesão á Liga de Educação Nacional, ainda antes de aqui ter chegado *O De Aveiro* com o seu belo artigo «Voltando Atraz» e propondo a organização de uma Escola Movel Independencia (de Intransigencia,) tendo: por director o general Homem Christo, professores Oliveira Cabral, Caldeira Queiroz e outros.

Livro de leitura *O De Aveiro.*

Aulas praticas de — Mãos limpas, Consciencia pura, Cerebro desempoeirado.

Quotização:—semanal emquanto não possa ser dada a lição diaria, a compra do livro, etc.

Como até agora não vi publicada a mais leve indicação que se assemelhe á minha proposta, para a qual, pedi, é certo, a não publicação do meu nome, para a proposta; para a minha franca adesão á Liga sim, dezejo até que se saiba por toda a parte que o meu nome se liga a todas as manifestações e sacrificios patrioticos que tenham por lêma a honestidade e dignificação do regimen e progresso da Patria e da Republica.

Como sou por esta terra, ex.mo sr., uma creatura odiada por todos os *bilontras* e traficantes, e no desempenho das minhas funções oficiaes não tenho pactuado nem estou disposto a pactuar com a crapula quer dos adversarios quer dos proprios correligionarios, é natural que a minha adesão á vossa obra tenha sido recebida por duvidosa. Isto por mutuamente não termos relações pessoaes.

Assim pois desejo dever a V. Ex.ª a subida fineza de notificar-me se não foi recebida, ou se, recebida, não foi bem aceite a minha leal e franca adesão.

Com a maxima consideração e respeito

De V. Ex.ª

Antonio Augusto Louro.

Recebemos, effectivamente, a 1.ª carta a que o sr. Louro se refere. Mas comprehendemos que a *adhesão não era publica*, e não podendo haver n'isto *adhesões anonymas*, não a publicámos. Foi o *unico motivo*, mais nenhum, da falta de publicidade.

* * *

Ex.mo Sr. Homem Christo,

Porto, 10—1—920.

Fui um dos primeiros aderentes á ideia do Ex.mo Sr. Oliveira Cabral, mandando-lhe a minha sincera e entusiastica adesão que V. Ex.ª publicou n'*O De Aveiro*. Como pela leitura d'*O De Aveiro* de hoje, deprehendo que é necessario confirmar as adesões dadas, apresso-me a fazelo, pondo ao serviço da Liga de Educação Nacional, todo o meu insignificante valimento que é compensado pela grande vontade que tenho em puder ser util á Patria e á Republica. Com a maior consideração, subscrevo-me

De V. Ex.ª

Att. Adm. e Obrg.

Americo Lopes da Silva.

Houve equivoco. Nós referiamo-nos ás adhesões *que ainda se não tinham tornado publicas*, o que estavam combinadas antes de apparecer a idéa do sr. Oliveira Cabral. Como temos dicto, já antes da carta do sr. Oliveira Cabral se projectava a *Liga de Educação Nacional.*

De resto, quem adheriu á idéa do partido e deu o seu nome n'esse sentido, adhere á idéa da Liga. Assim o entendiamos e entendemos. E parece que não nos enganamos.

* * *

Ex.mo Sr.

Sou assignante de *O De Aveiro*, ha annos, e, estou registado n'essa redacção sob o n.º 1272.

Adhiro á Liga de Educação Nacional, ou seja ao partido em embrião, que terá V. Ex.ª, como o principal chefe.

Os seus artigos são verdadeiramente magistraes. V. Ex.ª tem auscultado o coração do povo, e verifica, que não podemos continuar a suportar esta politica nogenta e reles.

Os covardes, os patifes são os que teem a sua vida mais desafogada, e, o povo que tem salvado a republica, faz prodigios para poder viver.

Espero, que o povo e o seu exercito, logo que por modos suaves não vá V. Ex.ª ocupar a presidencia do governo, ponham e digam abertamente que querem **Homem Christo** no poder, para sanear e castigar severamente, quem precisa de correctivo.

Com os meus cumprimentos, Sou

De V. Ex.ª

Admirador

Porto, 10 de Janeiro de 1920.

Alberto Gonçalves de Almeida.

Falta a morada. E' essencial indicar a morada.

* * *

Ex.mo Sr. Homem Christo.

Muito propositadamente deixámos para agora a nossa entusiastica adesão á patriotica Liga de Educação Nacional, por não querermos ser dos primeiros, ainda que a Ideia tenha calado fundo desde logo nas nossas consciencias de patriotas republicanos.

Os dois nomes que esta firmam são de duas creaturas despretenciosas que muito desejam o saneamento politico e o resurgimento moral e economico da sua querida Patria e para isso trabalham quanto cabe nas suas minguadas forças, tendo plena consciencia de que não envergonharão os seus mais denodados companheiros de lutas e a quem entusiasticamente saudam.

Espinho, 11 de Janeiro de 1920.

Francisco de Rezende.
Antonio Gonçalves Rodrigues.

* * *

Armamar, 8—1—920.

Ex.mo Sr. Homem Christo

Mais um adepto.

V. Ex.ª fez escola.

Não é uma adesão á pessoa de V. Ex.ª, que não conheço. E' uma adesão ás suas doutrinas, á sua justiça e imparcialidade.

Para mim, Republica deve ser sinonimo de justiça.

Por isso... pela Patria e pela Republica.

Creia-me

De V. Ex.ª

At. muito grato

Adriano d'Assunção Proença.

Aspirante de Finanças.

* * *

Canelas de Gaia, 8—1—920.

Ex.mo Sr. Homem Christo.

Ha muito que lemos e apreciamos os seus bellos patrioticos e demolidores artigos que tão desassombradamente tem publicado no seu jornal.

Lemos tambem a ideia de se formar uma Liga de Educação e de Intelectuaes.

Muito bem e bem preciso é que se forme o mais depressa e o melhor possivel.

Não desanime e oriente alguns que são portugueses que ainda querem levantar esta nossa malfadada Patria, este desditoso Portugal onde a porca politica tudo estraga.

Se alguma coisa valermos, pode, pois, contar com a nossa dedicação e trabalho desinteressado e com o nosso franco apoio.

E se conseguirmos, como é de esperar, alguma coisa de bom e util dan os por bem empregado todo o trabalho e esforço nesta tão importante tarefa.

Saude e Fraternidade.

Justino Teixeira Mota, professor.
Antonio G. Costa.

* * *

Lisboa, 9—1—920.

Ex.mo Snr.

Ignoro se V. Ex.ª recebeu a minha primeira carta que, ha tempo, como hoje, tomei a liberdade de lhe dirigir, cujo texto confirmo; recebesse ou não, para o caso d'agora, pouco importa.

Tenho acompanhado com grande satisfação, a logica consequencia da nobre e patriotica campanha de principios por V. Ex.ª feita nos ultimos tempos, e vejo com prazer, que não tem prégado no deserto. Creio pois, que, da Liga de Educação Nacional, alguma cousa de sublime e patriotico ha de sahir, que em breves dias venha fazer luz através das densas trevas em que a hipocrisia e o egoismo de muitos, a incompetencia e a imbecilidade de outros, e ainda a velhaca intuição de terceiros, nos tem sepultado. Não venho porem apresentar a V. Ex.ª a minha adesão pois que, pela minha modestia seria de nula importancia, mas, tão sómente offerecer á Liga de Educação Nacional, os serviços que no acanhado ambito da minha competencia, me seja possivel dispensar-lhe, sem outro intuito além do de cumprir o meu dever para com o meu paiz, para com a Republica, e para com os meus similhantes.

Sou com a maior consideração

De V. Ex.ª

Admirador e respeitador

Victorino Ferreira Coelho.

Não nos lembra ter recebido nenhuma carta anterior. Se recebemos, passou-nos de memoria, ou perdeu-se entre as muitas que diariamente recebemos.

Ou dá ou não dá abertamente a sua adhesão á Liga. A sua *modestia* não é motivo. Se dá, faça favor de o declarar.

* * *

S. Thomé, roça Guegue, 25—12—919.

Ex.mo Senhor

Velho admirador e leitor de V. Ex.ª desde os bons e velhos tempos da propaganda republicana e da sua inolvidavel campanha pela instrução e educação do povo; republicano de sempre, mas como tal cheio de desenganos e tristeza perante a falencia de tantos homens e em face da preversão dos puros principios da democracia, que tem sido a norma dos governantes da Republica, eu não podia ficar indiferente em relação á iniciativa do sr. Oliveira Cabral. Venho, portanto, trazer a V. Ex.ª tambem a minha franca adhesão a essa ideia, quer ella siga conforme os desejos do seu auctor, quer ella fique apenas restricta ao ponto de vista do meu amigo e inquebrantavel republicano dr. Caldeira Queiroz.

Seja como fôr, d'uma forma ou d'outra, alguma coisa se aproveita, que mais não seja a certeza de que nem todos os portugueses se afundam no abysmo da indiferença. Pouco pode valer o meu prestimo, isolado n'esta pequena colonia tambem isolada no meio do oceano, mas tal como é e como vale conte V. Ex.ª com elle e todos quantos acodem á sua voz e aos seus apellos de patriota.

De V. Ex.ª

Admirador constante

Affonso Ferreira.

* * *

Fornos d'Algodres, 12—1—920.

Ex.mo Sr. Homem Christo

Tenho acompanhado com muito interesse todas as demarches afim de se formar um nucleo de Salvação Nacional.

Com muita satisfação vejo que está formado e sobre bazes solidas com o nome de Liga de Educação Nacional e á frente desse nucleo está V. Ex.ª que será o unico que não deixará cahir esta desgraçada patria no abismo onde está prestes a desabar.

Sou tambem um admirador das nobres qualidades de V. Ex.ª apesar de o não conhecer pessoalmente, admiro a sua inteligencia e o seu alto valor moral.

Permita-me sr. Homem Christo que seja inscrito na lista dos aderentes; não quero ser dos ultimos a entrar nas fileiras da Liga de Educação Nacional que será de futuro a estrela redentora que ha de guiar todos os bons patriotas para o conseguimento da salvação desta desditosa Patria que, como disse, está prestes a desabar no abismo.

Sou apenas um humilde official de deligencias da Administração do Concelho, mas pode V. Ex.ª contar com a adesão franca e sincera dum defensor da Patria.

Envio 1$00 para a subscrição aberta no seu conceituado jornal para um monumento que perpetue a memoria do cabo de infantaria 24 morto pelos miseraveis.

Com toda a consideração sou

De V. Ex.ª

José Maria Ferreira.

* * *

Mealhada, 12 de janeiro de 1920.

Ex.mo Sr. Homem Cristo.

Tenho acompanhado com satisfação, a campanha deveras patriotica e republicana, que o conceituado jornal de V. Ex.ª, tem feito desde o seu primeiro numero. Desde os meus tempos de estudante, que me acostumei a venerar e admirar V. Ex.ª, dadas as suas qualidades brilhantes de jornalista invencivel, de polemista de pulso firme e genio fulgurante, de patriota sincero, e republicano destemido e dedicado. Segui, com a alma cheia de alegria e contentamento, eu que me preso de patriota e republicano, a propaganda de V. Ex.ª durante a guerra; e agora que está fundada a Liga de Educação Nacional, de que V. Ex.ª é o mais brilhante, o mais insigne ornamento, apresso-me a dar-lhe a minha adesão sincera, certo de que essa Liga, pelos adeptos que já hoje conta, ha de marcar para o nosso paiz, para a nossa querida Patria, uma nova era cheia de felicidades e progressos, e ha de acabar com esta politica actual, reles e ignobil, que tem deslustrado a Patria e comprometido a Republica. Avante pois, pela Patria, pela Republica! E V. Ex.ª creia sempre nos meus prestimos humildes, em prol do bem da nossa Patria.

De V. Ex.ª

Admirador e Amigo

Joaquim Oliveira de Souza Andrade.

(Professor primario oficial)

* * *

Porto, 13 de Janeiro de 1920.

Ex.mo Sr. Francisco M. Homem Christo

Acompanhando-o desde os tempos em que V. Ex.ª escrevia no *Seculo Republicano*, sentindo as mesmas amarguras e as mesmas alegrias que V. Ex.ª tem sentido, devendo ao jornal que V. Ex.ª escreve a minha apoucada ilustração e mentalidade, não podia deixar de aderir á Liga de Educação Nacional. Conte portanto V. Ex.ª com este obscuro peoneiro da causa da Patria, da Liberdade e da Republica.

De V. Ex.ª

Velho Amigo

João Augusto Fernandes.

O nosso Fernandes! Este é de Aveiro, embora residente no Porto ha muitos annos. Um homem admiravel. Porque Aveiro tem d'isto: bom pouco, muito pouco. No geral *uma sucia.* Mas o que é bom... nada o excede.

Falta o Manuel Antonio de Abreu. Esse, que tambem é da velha guarda, é que ainda não respondeu... *Alerta está!*

* * *

Ex.mo Sr. Homem Christo

Leitor assiduo, como sou, de *O De Aveiro*, e devotado por sentimento e profissão a todas as as doutrinas que tendam para o Bem e para o levantamento da sociedade, educando-a e moralizando-a, eu sinto neste momento intensa consolação, por ver que no meu paiz nem tudo é negro e agoirento, mas que ainda ha uma falange de homens de elevado espirito, que vão travar, atravez de mil sacrificios, uma luta ingente, reparadora, em prol da causa santa da Educação!

A V. Ex.ª, grande paladino da sublime crusada, as minhas felicitações, pedindo-lhe, ao mesmo tempo, para me alistar no derradeiro lugar de tão valentes combatentes.

De V. Ex.ª

Ven. e Obrigado

Santa Cruz da Trapa, 12—1—920.

Militão Ferreira de Almeida.

(Professor oficial)

* * *

Bornes—Pedras Salgadas, 13—1—920.

Ex.mo Sr. Homem Christo

V. Ex.ª não se recorda de mim, nem admira. Pois pertencemos á mesma companhia, no 5 de infantaria e comandava-a então, o Judice da Costa, oficial disciplinador, rôto e muito inteligente.

Passaram-se annos. V. Ex.ª deu muita volta mas eu ainda mais, pois até fui parar a Timôr, que o quiz eleger deputado.

E' um mimo, essa nossa colonia e não sei porque o João Franco mandava para lá os anarquistas; só se era para os ter muito longe de si e sendo assim estava bem, pois ficavam muito distantes, lá nos confins de Sonda, perto, já da Australia, nessas regiões que no dizer do nosso Epico:

"Ha aves que nunca á terra descem,
E só depois de mortas apparecem."

Pela «Liga de Educação Nacional» creio se possa fazer alguma coisa de util e proveitoso, mas com trabalho e talvez maus agradecimentos de meia duzia de pedantes, com ares de «Senhores», mas deixa-los lá ladrar...

Mãos á obra, pois, e nada de desanimos e quero com esta, dizer-lhe que cá tem mais um soldado a procurar a sua altura na fileira...

E o meu amigo Lemos que me perdôe mas deve ser ele o presidente do nucleo deste concelho, se isso fôr por concelho. A sua competencia, saber e probidade são segura garantia. Mas nada de politica á mistura. E' «Senhora» preversa, de maus habitos e intriguista, e nada de más companhias...

De V. Ex.ª

Admirador sincero

João Baptista Leite.

* * *

Porto, 13 de Janeiro de 1920

Ex.mo Sr. Homem Christo.

Participo a V. Ex.ª que, dos exemplares «Bolchevismo» que teve a amabilidade de fornecerme, fiz a distribuição de quasi todos, tendo um resto de 25 que não foram distribuidos e que estão ao dispor de V. Ex.ª, se desejar que lh'os devolva.

Leitor assiduo de «O de Aveiro» ha bastantes anos, por um desleixo explicavel em quem tem uma vida muito apensionada, não tenho feito assinatura. Agora porem, aqui no Porto, os exemplares desaparecem, se a gente se descuida em comprar no dia da chegada. Vejo pois ser mais pratica a assinatura, razão porque rogo a V. Ex.ª se digne inscrever-me como assinante, sendo-me enviados os numeros desde o principio de 1920, pois fiquei sem lêr o ultimo numero, o que deveras me arrelia, pois, sendo um velho republicano, e tendo sido socio fundador do partido democratico, é com prazer que leio o seu jornal, mesmo quando chega aos meus correligionarios, pois a amisade não me cega a ponto de reconhecer os defeitos, mesmo nos proprios filhos.

Com os meus mais veementes e sinceros aplausos, pode V. Ex.ª contar com a colaboração de mais um modesto, mas bem intencionado, soldado nas fileiras da «Educação Nacional».

Rogo a V. Ex.ª que, com os primeiros numeros de «O de Aveiro» me seja enviado o recibo da assinatura por um ano, afim de ser satisfeita.

Com toda a consideração e viva admiração

De V. Ex.ª

mt.º at.º vnd e obr.º

Miguel Wager Russell

Chefe da secção Central de Via e Obras do Caminho de Ferro do Minho e Douro (Ermezinde)

* * *

Porto, 14—1—920

Ex.mo Sr. Homem Christo—Aveiro

Estas linhas tem por fim dizer a V. Ex.ª que pode contar com a minha incondicional adesão ao partido que por V. Ex.ª venha a ser chefiado bem como toda a minha boa vontade, esforço e dedicação.

Desde ha 20 anos, que sentei praça, que admiro todos os seus artigos; hoje venho pedir-lhe me conte no numero dos seus assinantes de «O de Aveiro», para o que junto 1$00 para um semestre.

De V. Ex.ª

admirador sincero,

Antonio Alves Correia.

Empregado da Academia de Belas-Artes—S. Lazaro—Porto.

Por falta d'espaço, reservamos outras cartas para o numero immediato. Entre ellas uma do nosso muito prezado amigo dr. João de Deus Ramos, que não chegou a horas de ser n'este numero publicada.

Victima do Dever

Subscripção aberta para um monumento funebre que, no cemiterio de Frossos, perpetue a memoria do soldado n.º 688 da 6.ª companhia de infantaria 24, José Estevão Rebello, que foi o primeiro a cahir morto nas linhas do Vouga, em defesa da Republica, quando os miseraveis traidores do Porto, traidores á sua patria e ao regimen, atacaram esta cidade.

Transporte.....	81:500
Sargentos da 3.ª companhia de infantaria 24 (Aveiro).....	4:000
Sargentos da 6.ª companhia de infantaria 24 (Aveiro).....	6:000
José Maria Pereira (Fornos de Algodres).....	1:000
Agostinho R. M. Trindade (Lisboa).....	600
Carlos Manuel Luiz Fernandes, 1.º marinheiro da Armada (Lisboa).....	1:000
João Ferreira (Sarrazola-Aveiro)	5:000
João Ferreira Coelho (Porto)...	2:000
José Maria Candido (Chaves)..	2:000
Jacintho Aurelio Figueiredo, 1.º sargento infantaria 24.....	2:000
Manuel da Silva Paes Junior, 2.º sargento infantaria 24.....	1:000
Aristides da Silva, idem.....	1:000
José Ribeiro dos Santos, 2.º sargento infantaria 24.....	1:000
Somma.....	108:100

Houve um equivoco na informação que recebemos. O militar cahido morto nas linhas do Vouga não era cabo, mas soldado, chamava-se José Estevão Rebello e era o n.º 688 da 6.ª companhia de infantaria 24. Era natural de Santo Amaro, freguezia de Beduido, concelho de Estarreja, districto de Aveiro.

Honraram-se sobremaneira os sargentos das duas companhias de infantaria 24, como os restantes acima mencionados, que concorreram para o monumento funebre ao infeliz soldado. Cumpriram um alto dever patriotico, um alto dever civico e um alto dever militar.

No dia da inauguração do monumento, o sr. Homem Christo, que não costuma aliás falar em publico, nem, como regra geral, está disposto a isso, pronunciará uma allocução patriotica no cemiterio de Frossos, perante os republicanos e os patriotas que n'aquella romagem piedosa o quizerem acompanhar.

* * *

Lisboa, 12 de Janeiro de 1920.

Ex.mo Sr. Homem Christo

Começo por pedir desculpa a V. Ex.ª em o vir interromper na sua faina de descobrir a «careca» a todos os traidores e anti-patriotas, mas o meu coração de português e patriota não pode deixar de testemunhar a minha alegria pelo homem genial e ilustre jornalista que é V. Ex.ª, em zurzir esses infamissimos pulhas como V. Ex.ª muito bem lhes chama. Sou um simples marinheiro, mas sinto ferver nas minhas veias o sangue dos meus antepassados, e é com profundo desgosto que vejo a minha pobre patria a caminhar para o abismo!

Venho acompanhando á tempos a bela obra de moral e patriotismo que V. Ex.ª tem defendido no seu jornal e creia que me tem entusiasmado a sua doutrina sã e pura e o seu belo ideal.

Junto a esta remeto 1$00 para a subscrição que V. Ex.ª abriu no seu jornal, para erigir um monumento funebre á memoria do valente cabo que morreu em defesa da Republica contra as hostes trauliteiras, lamentando as minhas fracas posses em não poder contribuir com mais alguns escudos. Tambem fui desterrado pelo Sidonio e seus sequazes, mas houve muitos camaradas meus que sofreram mais do que eu, mas ainda hoje infelizmente vejo alguns dos que concorreram para que fossemos vilmente desterrados em logares de confiança da Republica!

Termino, porque para massada já basta. Pode V. Ex.ª fazer uso desta carta como entender.

De V. Ex.ª

At.o vnd. e obg.o

Carlos Manuel Luiz Fernandes,

1.º marinheiro T. S. n.º 4094—Cruzador «Vasco da Gama».

Esta carta, e a sua contribuição para um monumento erguido a um obscuro filho do povo que morreu defendendo a republica e a patria, muito honra o signatario.

Coisas graves

Ex.mo Snr.

Sem querer, de nenhum modo, estabelecer a menor controversia, peço a V. Ex.ª me permita rectificar, pelo que me diz respeito, a informação do sr. X., na sua carta a «O de Aveiro», de que os officiaes praticos cruzarão os braços *se ámanhã houver um ataque á Republica.* Creio que, numa explosão de natural e legitima indignação, alguem fizesse uma semilhante afirmativa, mas isso não deve tomar-se como uma decisão, nem sequer como uma probabilidade, por afrontosas para os meus companheiros de armas e de origem. Não. *Os filhos de mãos calosas* do sr. Marinha de Campos, embora de ascendencia humilde, não servem a Republica por amor do seu estomago, senão por obediencia ao seu ideal. Uma simples suspeita de tal atitude nos enche de oprobio. Isso seria o mais grosseiro materialismo, que a historia da minha hierarquia militar constantemente desmente e reprova.

A Republica não tem nada com a situação que nos foi criada. A Republica paira muito alto. E a Justiça, que, infelizmente, anda um pouco mais *por baixo*, ha-de elevar-se tão alto, que a todos os portuguezes ha de aquecer e iluminar. E' a minha esperança.

Com os protestos da minha consideração, e esperando me desculpe, me subscrevo

Porto, 11—1—920.

De V. Ex.ª

admirador sincero e respeitoso,

Joaquim Silva

Tenente da Guarda N. Republicana

Antonio Luiz Gomes, Filho

ADVOGADO

Rua Belomonte, 49—PORTO

BRAVO!

Bravo!

Composto já todo o periodico, prompto a entrar na machina, chega-me a noticia de que o povo, em Lisboa, derribou o ministerio. Bravo! E' a primeira coisa em termos que se faz desde Monsanto. Mas ainda assim mesmo incompleta, com laivos tristes de iniquidade. Perfeito, nunca se faz nada n'esta infeliz patria.

Então os senhores pronunciam-se contra o ministro da instrucção, contra o ministro da agricultura, e não se pronunciam contra o infamissimo bandido collocado no ministerio do commercio? Nunca se fará uma obra perfeita, justa, *limpa*, em Portugal. Então quem é mais criminoso: o sr. Affonso de Mello, por exemplo,—ponhamos de parte o outro que se diz envolvido na *leva da morte*,—ou o infamissimo tratante que assignou a circular pedindo uma estatua para o Sidonio?

O sr. Affonso de Mello foi ministro sidonista, é certo. Mas, em primeiro logar, contava-se que tinha sido sempre partidario da approximação com os republicanos. Em segundo logar, não consta que se houvesse envolvido em actos que o incompatibilizassem **para sempre** com os republicanos. Mas o outro canalha, que dizendo-se republicano de *velha data*, e estando os republicanos a ser victimas, ainda, de uma perseguição feroz, pedia uma estatua para o *verdadeiro auctor da leva da morte* para o *verdadeiro responsavel, por todas as atrocidades commettidas sobre os infelizes que gemiam nas prisões o* **monstruoso crime** *de serem republicanos e patriotas?*

Eu sempre esperei que a ira popular, inflammada em justiça vingadora, o estoirasse esta semana no Terreiro do Paço. Como quem estoira um cão damnado. E no fim de contas não vejo que o nome d'elle fosse, sequer, pronunciado! D'esse modo, perde o povo, por seu turno, a razão e a auctoridade.

Dir-se-ha: elle já foi ministro sem, contra elle, se ter allegado nada. Porque se não conhecia a famosa circular. Eu proprio a ignorava. Só tive conhecimento d'elle em outubro passado. Mas agora, depois que eu lhe dei publicidade?

Adeante vae reproduzida, para que se divulgue e não esqueça.

Só pela ignorancia, repetimos, d'esse papel, e absoluta ignorancia entre os republicanos, se admittia que, vencida a revolta de Monsanto, fosse ministro um homem que na vespera chamara **Grande e Heroico Presidente**, assim mesmo, em letra maiuscula, a Sidonio Paes. Que dissera, que escrevera: «A' medida que se distancia o tragico dia em que as balas assassinas prostraram o Grande e Heroico Presidente da Republica, Dr. Sidonio Paes, **mais se agiganta a sua alta figura de patriota e de Chefe de Estado e mais se avoluma a enorme falta que o seu desapparecimento representa para a governação da Patria.**

Não podia haver **maior affronta** que fazer o homem, que isso escreveu, **ministro de Estado.** E foi-o uma vez, duas vezes, não sei se três vezes. A seguir. E foi um dos mais indecentes e repugnantes auctores da crapula em que a Republica, ha um anno, se afoga. E voltou mais uma vez a ser ministro, agora, **sem protesto**, que eu saiba. Agora, que já ninguem podia allegar ignorancia da circular. Do mais a mais um *cara d'unto*, uma nullidade, uma chata nullidade, que só se distingue por ter tanto de burro como de pedaço d'asno.

Venham cá com o andor, e não tardam ahi, que eu lhes darei resposta.

Nunes & C.ª

Repetimos hoje a celebre circular, que, para edificação das gentes, e com o mesmo titulo de hoje, já aqui sahiu em 26 de outubro do anno passado.

Ex.mo Sr.

A' medida que se distancia o tragico dia em que as balas assassinas prostraram o Grande e Heroico Presidente da Republica, Dr. Sidonio Paes, mais se agiganta a sua alta figura de patriota e de Chefe de Estado e mais se avoluma a enorme falta que o seu desapparecimento representa para a governação da Patria.

Foi o Dr. Sidonio Paes o fundador do Ministerio da Agricultura, grande e velha aspiração da Lavoura Nacional. Teve sempre S. Ex.ª para esta Associação carinhosas e deferentes atenções, ouvindo sempre os seus alvitres e as suas respeitosas reclamações. Emfim, dispensou-nos uma maxima consideração, que ha muito nos vinha sendo recusada.

Não pode, pois a Associação Central da Agricultura Portuguêsa alhear-se das justas e devidas homenagens prestadas ao illustre e glorioso Morto. Entre estas, uma se impõe, porque ha-de perdurar: —o Monumento a erigir á sua memoria por subscrição publica, para a qual entendemos ser dever nosso contribuir.

Por isso, apelando para a vossa solidariedade, patriotismo e gratidão vimos rogar a V. Ex.ª a fineza de se dignar contribuir para a referida subscrição, preenchendo o boletim junto e no-lo devolvendo.

Aceite V. Ev.ª os protestos do mais caloroso agradecimento—da mais elevada consideração dos

De V. Ex.ª
at.os ven.es corr.os e obr.os

A Comissão Administrativa,

José Pereira Palha Blanco
José Relvas
Luiz da Gama
Eduardo Fernandes d'Oliveira
Antonio dos Santos Cidraes
Joaquim Nunes Mexia
Jorge de Vasconcelos Nunes
José Pequito Rebelo.

E os *patriotas e os republicanos*, que tanto se esfalfam a gritar contra o dezembrismo, consentiam que o marmanjo do Jorge Nunes, o *Cara d'Unto*, voltasse a ser ministro de Estado!

Guarda Republicana

Ex.mo Snr.

No jornal da digna direcção de V. Ex.ª, de 11 do corrente, e sob o titulo «Enforca-se!» vem publicada uma carta em que, entre assuntos que nada interessam a esta Guarda, se faz uma referencia que, embora descabida ali e até parecendo produto de qualquer lapso, não pode deixar de merecer reparos e o mais formal desmentido. Diz-se ali, a certa altura:... «Depois o Ministro da Guerra e o chefe da G. N. R. que venham com mais confidenciais, mandando vigiar os sargentos e recomendando, em teorias, que se fermentem rivalidades entre a G. N. R. e o Exercito.»

Por Sua Ex.ª o General Comandante Geral desta Guarda sou encarregado de afirmar a V. Ex.ª que a passagem acima transcrita carece absolutamente de fundamento, quanto a ordens ou instruções emanadas deste Comando Geral, e que bem ao contrario sómente se deseja e procura fomentar a maior ligação e harmonia entre o pessoal da G. N. R. e os militares do Exercito. E está Sua Ex.ª o General absolutamente certo de que de tal harmonia de vistas partilha Sua Ex.ª o Ministro da Guerra.

Comquanto a referencia seja absurda, não podia ficar sem reparo e desmentido, para destruir o mau efeito que por ventura possa ter produzido nos menos avisados dos numerosos leitores do jornal de V. Ex.ª, desmentido que sua ex.ª o general espera dever á amabilidade de V. Ex.ª, para que não possa ser nem de leve atingido o prestigio desta Corporação, prestigio que no actual momento mais que nunca se torna necessario manter integro, para bem da disciplina e ordem sociais tão fundamente ameaçadas de subversão.

Apresentando a V. Ex.ª os protestos da minha consideração subscrevo-me

De V. Ex.ª
At.o Vnr. e Obg.o

LISBOA 13-1-920.

Liberato Pinto.

Com muito prazer fazemos a rectificação desejada.

SERVIÇO DA REPUBLICA

Guarda Nacional Republicana

Comando Geral

4.ª Repartição

Devendo oportunamente passar por essa localidade uma Comissão de oficiais désta Guarda, em serviço de recrutamento de pessoal para a mesma, venho rogar a V. Ex.ª a publicação do impresso junto, no seu acreditado jornal, a fim de que os interessados possam dêle ter conhecimento.

Saude e Fraternidade.

Comando Geral no Carmo em Lisboa, 30 de dezembro de 1919

Ao Sr. Director do jornal *O de Aveiro*,
Aveiro.

Pelo Chefe de Estado Maior,
Antonio Emilio Cortez,
Tenente coronel.

Guarda Nacional Republicana

Condições de alistamento e vantagens concedidas ás praças

São admitidas na G. N. R. todas as praças quer do activo, quer de reserva ou licenciadas, com instrução militar, qualquer que seja o seu grau de habilitações literarias, que satisfaçam ás seguintes condições:

EDADE—Mais de 20 e menos de 35 anos.

ALTURA — Minima — para cavalaria 1m,640 e para infantaria 1m,580.

COMPORTAMENTO MILITAR—Não ter mais de 5 dias de prisão disciplinar, ou 10 dias de detenção, ou, ainda, 16 guardas, nos ultimos três anos.

COMPORTAMENTO CIVIL—a) Bom comportamento atestado por certificado do Registo Criminal. b) Atestado do Administrador do Concelho confirmando que é republicano.

APTIDÃO FISICA—Ser julgado apto pela comissão de recrutamento da Guarda.

São preferidas as praças que tenham feito parte do C. E. P. ou de expedições ás Colonias.

As praças seja qual for o posto que tiverem no Exército ou na Armada, serão alistadas como praças de 2.ª classe, passando á 1.ª classe, passados 180 dias de serviço efectivo na Guarda, sem impedimento algum e com bom comportamento.

São obrigadas a servir por três anos.

As praças devem apresentar-se com a respectiva caderneta militar.

Vantagens concedidas ás praças da G. N. R.

a) As praças que saibam ler e escrever e contar, poderão servir nas unidades da Guarda, fóra de Lisboa ou Porto, e, sendo possivel, onde lhes convier.

b) Na G. N. R. existem escolas para instrução das praças analfabetas.

c) As praças podem adquirir generos alimenticios nas Cantinas da Guarda.

d) Teem direito a transporte por conta do Estado, desde as terras onde habitam, até aquelas onde prestam serviços, para as pessoas de familia que com elas vivam.

e) Teem direito á assistencia médica para si e pessoas de familia, e, bem assim, ao fornecimento gratuito, de medicamentos, pela farmacia da G. N. R.

f) Recebem gratificações por serviços remunerados na razão minima de $40 por cada 4 horas de serviço, por exemplo no serviço de policia mento de Teatros, Cinematografos, Praças de Touros, etc., etc.

Vencimentos mensaes

PRE' (arranchando): — Soldado de 2.ª classe, 22$50; de 1.ª classe, 24$90; 2.º cabo, 25$80; 1.º cabo, 27$30. — Este pré é sujeito apenas ao desconto para fardamento, de $15 diarios.

PRE' (não arranchando):— Soldado de 2.ª classe, 22$50; de 1.ª classe, 24$90; 2.º cabo, 25$80; 1.º cabo, 27$30. — Este pré é sujeito ao mesmo desconto para fardamento, acima indicado.

As praças não arranchadas recebem mais o subsidio mensal para alimentação de 6$00 e a importancia do auxilio para rancho nunca inferior a 12$00 mensaes.

READMISSÕES (por periodos de 3 anos).—Soldado de 1.ª classe: 1.º periodo, 1$20; 2.º periodo, 2$40; 3.º periodo, 3$60; 4.º periodo, 6$00; 5.º periodo, 9$00. Segundo cabo: 1.º, 2.º 3.º, 4.º e 5.º periodos, respectivamente, 1$80, 3$00, 4$80, 7$50 e 10$50. Primeiro cabo: 1.º, 2.º, 3.º 4.º e 5.º periodos, respectivamente, 3$00, 4$50, 6$00, 9$00 e 12$00.

SUBSIDIO PARA RENDA DE CASA— As praças casadas, que não tenham residencia no quartel, recebem o seguinte subsidio para renda de casa: Em Lisboa, 3$00; no Porto, 2$50; noutras localidades, 2$00.

GRATIFICAÇÃO POR SERVICO A CAVALO—As praças montadas recebem a gratificação mensal de 3$00.

REFORMA EXTRAORDINARIA (Por doença ou desastre em serviço, qualquer que seja o tempo de serviço efectivo) — Soldado, 18$90; Segundo cabo, 19$87; primeiro cabo, 20$80. Acrescidos dos vencimentos correspondentes ao periodo de readmissão que estiverem cursando.

REFORMA ORDINARIA MAXIMA (Aos 30 anos de serviço efectivo) — Soldado, 24$90; Segundo cabo, 25$80; Primeiro cabo, 27$30.

N. B.—Principiam a ter direito á reforma desde os 15 anos de serviço efectivo.

Empreza de Louças e Azulejos, Limitada

Para os efeitos legáis se publica que por escritura de 28 de novembro de 1919, outorgada perante o notario, Dr. Adelino Augusto Simão da Fonseca Lial, da comarca de Aveiro, se constituiu uma sociedade por cotas de responsabilidade limitada nos têrmos dos artigos seguintes:

1.º

Nos termos da lei de 11 de abril de 1901 é constituida entre os outorgantes uma sociedade por cotas de responsabilidade limitada, a qual começa hoje a sua existencia e se regerá pelas disposições especiais dêste contracto.

2.º

O objecto da sociedade é a exploração da indústria e fabrico de louças e azulejos em todos os géneros e aplicações, ou qualquer outro em que êles, outorgantes, acordarem.

3.º

A sua séde é na Rua da Fábrica, desta cidade, assim como o seu domicílio e escritorio, e poderá ter as sucursais que o desenvolvimento social exija.

4.º

A sua duração é por tempo indeterminado.

5.º

A sociedade poderá, porem, dissolver-se quando assim haja sido deliberado ou requerido por sócios que representem três quartas partes do capital, ou quando os balanços acusem prejuisos.

6.º

A sociedade adopta a denomiuação de *Empreza de Louças e Azulejos, Limitada.*

7.º

A correspondencia social só poderá ser assinada pelo sócio gerente e, na sua ausencia, pelo sócio Alvarenga. O uso da denominação social limitar-se-á aos negocios da sociedade e é expressamente proibido ao gerente assinar fianças e actos idênticos a favôr de terceiros, salvo previo acôrdo dos outros socios consignado em acta. O gerente, que prestar fiança ou acto idêntico, sem o exigido acôrdo, perderá imediatamente a sua qualidade e direito de gerente e de sócio. Reverterão em proveito da sociedade, como penalidade especial pela transgressão referida, a cota e demais capital que o gerente então possua na sociedade.

8.º

O capital social é de 25.000$00, soma ou valor das oito cotas dos outorgantes, tendo já cada sócio entrado com 50% da sua cota, em dinheiro. As cotas dos sócios Manoel Tomaz, Pompeu Alvarenga, João Dias, Licínio Pinto, Francisco Pereira e José de Barros estão, em parte, representadas pelo valor de 3.500$00, preço por que adquiriram, em comum, e por escritura pública de 13 de novembro corrente os prédios de casas e quintal, sitos na Rua da Fábrica, desta cidade inscritos na matriz predial respectiva sob os n.os 3 e 4.

9.º

Os sócios dr. André dos Reis, João Dias, Manoel Tomaz Vieira Júnior e Pompeu Alvarenga entram para a sociedade com a cota de 4.000$00, cada um; o sócio João da Cruz Bento com a cota de 3.000$000; os sócios Licinio Pinto, Francisco Pereira e José de Barros com a cota de 2.000$00, cada um.

10.º

Não serão exigiveis prestações suplementares, podendo, no entanto, qualquer sócio fazer suprimentos de capital á sociedade mediante o juro não superior a 6%.

11.º

Dos lucros liquidos, deduzidas todas as despêzas e encargos ordinários e extraordinarios, aplicar-se-ão 20% para fundo de reserva, sempre que êle esteja por preencher. O restante será repartido entre os sócios na proporção das suas cotas.

12.º

Todos os sócios reúnir-se-ão, pelo menos uma vez cada mês, para revisão e aprovação de contas, podendo nessas reuniões tratarem-se e resolverem-se quaisquer assuntos de interesse social.

13.º

Nenhum sócio poderá, sob pena de perda do seu capital e lucros, retirar-se da sociedade sem prévio aviso judicial aos outros sócios, com a antecipação pelo menos de dôze mêses.

14.º

Ao sócio gerente, bem como aos sócios Licínio Pinto, Francisco Pereira e José de Barros é arbitrado, a cada um, o vencimento mensal de 45$00, remuneração de seus trabalhos e serviços. Ao sócio Alvarenga deverá ser-lhe arbitrada, oportunamente, a competente remuneração pelos trabalhos e serviços que ficam a seu cargo.

15.º

A gerencia da sociedade fica pertencendo ao sócio Manoel Tomaz; a direcção técnica e os trabalhos artisticos aos sócios Licinio Pinto, Francisco Pereira e José de Barros, e a caixa e a escrituração ao sócio Alvarenga.

§ 1.º—Os directores técnicos ouvirão sempre préviamente o sócio gerente ácerca de qualquer assunto relativo á sociedade, inclusivé a admissão do pessoal artistico, e exercerão a direcção a seu cargo por turnos de mês cada um, alternadamente e conforme entre si acordarem.

§ 2.º—Sob pena de perda das respectivas cotas e lucros é expressamente proibido aos directores técnicos prestar serviços da sua arte fóra da séde e sucursais, salvo autorisação dos outros sócios.

16.º

Quaisquer duvidas ou desinteligencias que surjam entre os sócios, seus herdeiros ou representantes, serão resolvidas por arbitragem precedido de compromisso legal, incorrendo aquêle que se recuse á outorga de tal compromisso na multa de 250$00 a favôr do sócio, herdeiro ou representante que o reclame.

17.º

Tanto a cessão da cota social, como a divisão da cota entre os herdeiros do sócio serão livremente permitidas; a cessão da cota a favôr de estranhos á sociedade só poderá ser feita, porém, com prévio consentimento dos demais sócios, os quais ficam com o direito de opção, como mais lhe convenha, pelo preço da oferta ou pelo valor que á cota resulte do ultimo balanço aprovado. Salvo o referido consentimento, a cessão a estranhos só poderá ser feita pelo valor resultante do ultimo balanço.

§ unico. Se forem vários os sócios a pretenderem a cota oferecida, preferirá o que tiver cota menor, e se as cotas fôrem iguais, proceder-se-á a sorteio entre os preferentes.

18.º

Dissolvida a sociedade por qualquer dos motivos legais (excepto por morte ou interdição de sócio) todos os sócios farão a liquidação e partilha como entre si ajustarem, sendo o activo e passivo sociais adjudicados ao sócio que, em licitação, mais der por eles, quando dois ou mais sócios queiram adquiri-los.

19.º

Por falecimento de qualquer sócio, os seus herdeiros ou representantes exercerão, em comum, todos os respectivos direitos, que não forem meramente pessoais do falecido, e se este tiver suprimentos á sociedade só poderão exigir o pagamento dêstes em quatro prestações iguais e semestrais, continuando a sua importancia a vencer juro até integral pagamento, como para os suprimentos esteja fixado.

20.º

O sócio gerente representará a sociedade em juiso e fóra dele, e ficalhe proibido, sob pena de perda de sua cota e lucros, o exercicio de operações identicas ás da sociedade, tanto em seu nome como por interposta pessoa.

21.º

A escritura da sociedade deverá ser feita claramente, andar sempre em dia e bem arrumada, de forma de que em qualquer época os sócios possam inteirar-se de todos os negocios e exercer o seu direito de livre fiscalisação.

§ 1.º—Os balanços serão dados no mês de junho de cada ano, de forma que em trinta e um de julho seguinte estejam encerrados e assinados em livro proprio por todos os sócios. As outorgantes mulheres prestam a sua outorgam ao presente contracto na parte que lhes diz respeito e para que o mesmo tênha inteira validade

Caixa Económica de Aveiro

CONVITE

Convido os senhores Sócios desta Caixa a comparecerem no edificio social, pelas 19 horas do dia 24 do corrente, a fim de apreciarem o parecer do trespasse desta instituição que lhes será apresentado pela comissão eleita para êsse fim.

A requisição de dez Sócios desta Caixa e nos termos dos estatutos, convido egualmente os snrs. Sócios a reunirem no dia 31 do corrente, ás 19 horas, para se eleger o numero minimo dos Sócios necessários para preencherem as vagas existentes, nos termos do artigo 4.º e seus §§ 1.º e 2.º.

Caso não compareça numero legal nas primeiras reuniões, ficam desde já marcados os dias 7 e 14 de Fevereiro proximo futuro, respectivamente, ás mesmas horas.

Aveiro, 15 de Janeiro de 1920.

O Presidente da Assembleia Geral

(a) *Antonio Carlos da Silva Melo Guimarães*

Bibliotecas e Arquivos

Director—JULIO DANTAS

Publicação trimestral

Cada fasciculo de 80 paginas... 60$
Assinatura anual..... 2$00

Pedidos á Biblioteca Nacional de Lisboa